ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL E ARTÍSTICO

GUSTAVO LION ALVES DE OLIVEIRA

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: PRÁTICAS INTEGRADAS ENTRE MUSEUS DE ARTE SACRA E ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

Barretos - SP
2019

GUSTAVO LION ALVES DE OLIVEIRA

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: PRÁTICAS INTEGRADAS ENTRE MUSEUS DE ARTE SACRA E ESCOLAS PÚBLICAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, lato sensu – a distância, do Programa de Pós-graduação em Arte-PPG-Arte, Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Dionísio Gomes de Oliveira

Barretos – SP
2019
Polo Barretos – SP

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas colaboraram direta e indiretamente nesta etapa, muito importante, em minha vida, portanto, quero expressar meus sinceros agradecimentos:

Aos meus familiares que sempre estão comigo, me amparando em todos os momentos.

À Universidade de Brasília, na figura das professoras Thérèse Hoffmann, Elaine Dias e Verônica Brandão e do professor Emerson Dionísio: pela oportunidade de ser o primeiro dos Alves de Oliveira a alçar o ensino superior, em nível de especialização, em uma universidade pública de excelência e qualidade.

Aos educadores Angélica, Eron e Vanessa: eu agradeço todas as horas de reflexão histórica que auxiliaram na proposição do tema desta pesquisa.

Aos diretores dos museus de are sacra pesquisados, José Carlos Marçal de Barros e Padre Carlos Alberto Contieri sou grato por autorizarem o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a todos que apoiaram direta ou indiretamente este jovem pesquisador por meio de conversas, sugestões, orientações e descontração que fizeram alguns momentos tensos ficarem mais leves.

"Você não sabe o quanto eu caminhei para chegar até aqui."

(A estrada - Cidade Negra)

RESUMO

Este trabalho visa abrir caminhos de investigação sobre a relação entre um tipo específico de museu de arte – a saber: o de arte sacra – e sua relação com a educação, mais especificamente com a educação básica da rede pública de duas cidades da Região Metropolitana de São Paulo (São Paulo e Embu das Artes). A partir do levantamento de reportagens do jornal O Estado de São Paulo das décadas de 1960-2000, procuramos identificar a gênese das ações educativas do Museu de Arte Sacra de São Paulo e do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas. Em seguida, apresentamos um diagnóstico das ações educativas que fazem parte dos projetos Educar em Conjunto e Descobrindo Embu no Museu. Por fim, analisamos os materiais destinados a professores feitos pelos setores educativos dos referidos museus. Com isto concluímos que se o século XX foi o século da estruturação dos primeiros museus de arte sacra na Região Metropolitana de São Paulo, a partir da organização de seus acervos no interior de edificações religiosas remanescentes do período colonial, o século XXI se mostra como o período que tem sido marcado pela consolidação das ações educativas no interior destes espaços, nos quais a relação entre museu e escola tem se aprofundado em torno da educação patrimonial. E defendemos que estas instituições museológicas (museus de arte sacra) necessitam não somente de uma valorização e proteção de suas edificações pelos órgãos de defesa do patrimônio – como feitos ao longo do século XX pelo IPHAN e CONDEPHAAT –, mas também de registro, de sistematização e de promoção de suas ações de educação patrimonial integradas com a educação pública da municipalidade que estão inseridas.

Palavras Chave: Museus de Arte Sacra; Região Metropolitana de São Paulo; Educação Patrimonial; Escolas Públicas.

ABSTRACT

This work aims to open research paths on the relationship between a specific type of art museum - namely, that of sacred art - and its relation with education, more specifically with the basic education of the public network of two cities of the Metropolitan Region of São Paulo (São Paulo and Embu das Artes). From the survey of the newspaper O Estado de São Paulo from the 1960s to the 1960s, we sought to identify the genesis of the educational actions of the São Paulo Museum of Sacred Art and the Museum of Sacred Art of the Jesuits. Next, we present a diagnosis of the educational actions that are part of the Educar em Conjunto and Descobrindo Embu projects in the Museum. Finally, we analyze the materials intended for teachers made by the educational sectors of these museums. With this we conclude that if the twentieth century was the century of the structuring of the first sacred art museums in the São Paulo Metropolitan Region, from the organization of its collections within the remnant religious buildings of the colonial period, the twenty-first century shows itself as the a period that has been marked by the consolidation of educational actions within these spaces, in which the relationship between museum and school has deepened around heritage education. And we defend that these museological institutions (museums of sacred art) need not only a valuation and protection of their buildings by the organs of defense of the patrimony - as done throughout the XX century by IPHAN and CONDEPHAAT -, but also of registration, systematization and to promote their patrimonial education actions integrated with the public education of the municipality that are inserted.

Keywords: Museums of Sacred Art; Metropolitan region of Sao Paulo; Patrimonial Education; Public schools.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fachada do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas..... 35

Figura 2: Escola Estadual Prudente de Morais realizando o roteiro “Festas Populares”, 2015..... 41

Figura 3: Encontro Pedagógico de Formação de 2012 do Projeto Descobrindo Embu no Museu, 2012..... 49

Figura 4: Foto do material educativo “Explore o Museu de Arte Sacra: Professores”..... 61

Figura 5: Capa e contracapa do Guia Temático do Professor - Projeto Descobrindo Embu no Museu do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas..... 70

Quadro 1: Relação de portfólio-ano consultados no Museu de Arte Sacra dos Jesuítas..... 52

Quadro 2: Resultado final do Prêmio Darcy Ribeiro 2012..... 69

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos equipamentos culturais da UPPM..... 26

Gráfico 2: Comparativo públicos atendidos em ações educativas no Museu de Arte Sacra de São Paulo..... 45

Gráfico 3 - Comparativo públicos atendidos em ações educativas no Museu de Arte Sacra de São Paulo..... 48

Gráfico 4: Relação Ano-Portfólio do Projeto Descobrindo Embu no Museu..... 53

Gráfico 5: Quantidade de portfólios por série (2013-2017) do Projeto Descobrindo Embu no Museu..... 53

Gráfico 6: Atendimentos realizados pelo Projeto Descobrindo Embu no Museu de 2008 a 2017..... 55

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS **02**

RESUMO **04**

ABSTRACT **05**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES **06**

LISTA DE GRÁFICOS **07**

1 INTRODUÇÃO **09**

2 CAPÍTULO 1: A GÊNESE DOS SETORES EDUCATIVOS EM MUSEUS DE ARTE SACRA DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO **16**

2.1 Museu de Arte Sacra de São Paulo **16**

2.2 Museu de Arte Sacra dos Jesuítas **26**

3 CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O PÚBLICO ESCOLAR EM MUSEUS DE ARTE SACRA EM SÃO PAULO. **34**

3.1 Projeto Educar Em Conjunto – Museu De Arte Sacra De São Paulo **37**

3.2 Projeto Descobrindo Embu no Museu – Museu de Arte Sacra dos Jesuítas **46**

4 CAPÍTULO 3: MATERIAIS EDUCATIVOS DE ARTE SACRA DIRECIONADOS A PROFESSORES. **57**

4.1 Explore o Museu de Arte Sacra: Professores – Museu de Arte Sacra de São Paulo ***59***

4.2 Guia Temático do Professor – Museu de Arte Sacra dos Jesuítas ***66***

5 CONCLUSÃO **72**

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **74**

ANEXOS **78**

1 INTRODUÇÃO

Para a realização deste trabalho selecionamos 15 edições do jornal O Estado de São Paulo para compreendermos a trajetória dos museus de arte sacra pesquisados. Em seguida, buscamos compreender as ações educativas deles, por meio do diagnóstico de dois projetos: "Educar em Conjunto" e "Descobrindo Embu no Museu". Por último analisamos os materiais destinados aos professores que são produzidos pelos educativos dos museus para subsidiar a prática pedagógica e criar ações de educação patrimonial aliando a educação escolar e a educação museal.

Getúlio Vargas subiu ao poder em outubro de 1930 e nele permaneceu como chefe de um governo provisório, presidente eleito através de voto indireto e ditador num espaço de quinze anos. Retornaria à Presidência pelo voto popular em 1950, mas seu suicídio em 1954 interromperia o seu mandato (FAUSTO, 2006, p. 185).

O Ministério da Educação e Saúde (MES), estando sob a gestão de Gustavo Capanema entre 1934-1945, criaria em 1936 o órgão de Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e o submeteria à direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade.

No contexto brasileiro, a criação do SPHAN na década de 1930 e a preocupação dos modernistas em instituir uma definição de uma arte essencialmente brasileira, direcionou o olhar de parte da intelectualidade envolvida neste processo para as edificações remanescentes do período colonial, sobretudo as edificações eclesiásticas, enxergando nelas uma matriz artística da brasilidade imaginada.

No Brasil das primeiras décadas do século passado, o modernismo estava na pauta do dia. E Maria Cecília Londres Fonseca diz:

> A temática do patrimônio surge, no Brasil, assentada em dois pressupostos do modernismo, enquanto expressão da modernidade: o caráter ao mesmo tempo universal e particular das autênticas expressões artísticas e a autonomia relativa da esfera cultural em relação às outras esferas da vida social. A atuação dos modernistas no SPHAN vai mostrar como eles puseram em prática, num campo cultural e político específico, e sob um regime autoritário, esses pressupostos (FONSECA, 2005, p. 92).

E estes modernistas viam Minas Gerais como “berço de uma civilização brasileira”, e puseram-se em uma tarefa tida como heroica – sobretudo depois do decreto-lei número 25 de 30 de novembro de 1937 que instituía o SPHAN como órgão responsável pela proteção do patrimônio no Brasil – que era impedir que não só Minas Gerais, mas como também as chamadas

Cidades Históricas e aquelas que guardavam algumas edificações que eles concebiam como manifestação cultural tipicamente brasileira, fossem vítimas de três agentes implacáveis: 1) a deterioração pelo tempo; 2) os padres “reformadores”, que deturpavam as características originais das igrejas do período colonial; 3) os prefeitos “modernizadores”, que não poupavam em botar a baixo algo que impedisse o andamento das obras de estradas e alargamento de avenidas.

Mesmo os modernistas tendo se integrado a este órgão nascido dentro do governo ditatorial do Estado Getulista, Fonseca considera que:

> A atividade desenvolvida por esse grupo de intelectuais no SPHAN gozou de surpreendente autonomia dentro do MES. Desde o início, a área do patrimônio fica à margem do propósito de exortação cívica que caracterizava a atuação do ministério na área educacional. A cultura produzida pelo SPHAN sequer era articulado com os conteúdos dos projetos educacionais ou com os instrumentos de persuasão ideológica do Estado Novo; esses conteúdos eram mais compatíveis com a vertente ufanista do modernismo. Durante o Estado Novo, o SPHAN funcionou efetivamente como um espaço privilegiado, dentro do Estado, para a concretização de um projeto modernista (FONSECA, 2005, p. 98).

Já outra pesquisadora sobre patrimônio no Brasil, Márcia Chuva, tem uma opinião muito diversa a respeito dessa posição de Fonseca. Chuva diz:

> As redes de relações tecidas entre agentes e agências de poder na constituição das ações de preservação cultural no Brasil, nas décadas de 1930 e 1940, foram de tal forma eficientes que legitimaram um determinado grupo no controle da agência do Estado criada para esse fim – o Sphan – e suas representações acerca do patrimônio histórico e artístico nacional. Contradizendo tal evidência, contudo, a memória do período relativo à gestão de Rodrigo Melo Franco de Andrade – chamado de fase heroica –, enfatiza o aspecto de “dedicação a causa”, motivo pelo qual a agência teria sido capaz de sobreviver num contexto histórico hostil. Mantendo-se nessa mesma linha, a história oficial do órgão insiste, ainda hoje, em demarcar uma “desidentificação” do Sphan com relação ao regime autoritário estadonovista, questão essa permanentemente reatualizada por “intelectuais do patrimônio”, num esforço aparentemente anacrônico (CHUVA, 2009, p. 143).

Fica evidente que esse envolvimento do órgão com o regime getulista é alvo de debate. Mas o consenso que se tem sobre esses anos iniciais do Sphan é que patrimônio passou a ser praticamente um sinônimo de bem arquitetônico protegido pelo tombamento (MARINS, 2008, 144). Sobre isso, Márcia Chuva afirma:

> A arquitetura daria materialidade à nação, e seria esta a função primordial do Sphan – dar concretude à nação, desvendando a todos os brasileiros aquilo que, embora existente, encontrava-se escondido, e também, quem sabe, construindo essa materialidade (CHUVA, 2009, p. 213).

E o que consistia na prática de tombamento? Conforme, estabelecido no decreto-lei nº 25/1937, o tombamento consistia, grosso modo, na inscrição de um bem em um ou mais Livros de Tombo, de acordo com decisão do diretor do SPHAN, de seu corpo técnico e/ou do Conselho Consultivo (CHUVA, 2009, p. 206).

Mesmo com a existência de quatro livros (Livro das Belas-Artes; Livro Histórico; Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; e Livro das Artes Aplicadas), a escolha de exemplares arquitetônicos pela categoria de valor artístico estabeleceu primazia sobre as demais, seguida da de valor histórico – o que foi de acordo com Marins uma adaptação do modelo patrimonial francês (MARINS, 2008, p. 144).

De acordo com Chuva, a Igreja foi a entidade civil mais atingida pelo ato de tombamento nesse período, tendo 50% dos bens tombados então (CHUVA, 2009, p. 228). Segundo, Marins: "as igrejas, capelas, oratórios, mosteiros e conventos elegidos pelo

SPHAN acabaram também por apontar o lugar prioritário do catolicismo como fator de identificação da construção oficial da memória da nação brasileira" (MARINS, 2008, p. 145). E claro, neste sentido, a Igreja Católica também foi a grande beneficiária das obras de restauração financiadas pelo Sphan. O que não significa que o processo de tombamento das

Igrejas era dado de forma muito pacífica e sem haver tensões.

Pelo contrário, segundo Chuva, não foram poucas as vezes que os representantes das Igrejas desqualificavam sua propriedade na intenção de que o tombamento não fosse realizado, uma vez que o bem depois de tombado, continuaria sobre a posse do proprietário (não era feita a desapropriação), entretanto as intervenções como obras de ampliação e restauração, agora deveria haver pareceres dos técnicos do Sphan para deferirem ou não – o que desagradava aos padres (CHUVA, 2009, p. 229).

Os bens de tipo religioso também apresentam uma peculiaridade: mesmo havendo uma preferência pelos tombos por seu valor artístico, Chuva irá dizer que este tipo de bem também, em alguns casos, iam parar no Livro Histórico – recebendo dupla inscrição no Livro Artístico e Histórico – "visto que se encontram nesse livro tanto pela sua antiguidade quanto por pertencerem a séries históricas que tipificam as Igrejas por época de construção" (CHUVA, 2009, p. 216).

Se Minas, era o grande ícone da nação brasileira, São Paulo era uma espécie de "patinho

feio". De acordo com Marins, São Paulo foi um dos estados cuja participação na memória nacional mostrou-se bastante minoritária, visto que entre 1938 e 1967 os bens tombados pelo SPHAN aqui em São Paulo representam 6% do total do que fora tombado no país (MARINS, 2008, p. 146). Os bens desta cidade eram vistos como muitos singelos se comparado aos das chamadas Cidades Históricas.

São Paulo tinha sofrido, de acordo com Marins, uma substancial demolição de seus bens durante a Primeira República. Contudo, havia edificações isoladas possíveis de tombamento federal com a pequeníssima parte do patrimônio colonial paulista que restara. E foi Mário de Andrade e seu colega na regional paulista do SPHAN, o arquiteto Luis Saia, que coordenaram um levantamento árduo dos bens paulistas (MARINS, 2008, p. 147-148).

Nos anos do SPHAN sob o Estado Novo, em que Mário de Andrade esteve ligado ao órgão na regional paulista, houveram 17 bens tombados no Estado de São Paulo. Segundo o autor, "constituíram-se basicamente de edifícios do período colonial, à exceção das coleções arqueológicas, etnográficas, artísticas do Museu Paulista e da barra em que Euclides da Cunha escrevera *Os Sertões*" (MARINS, 2008, p. 148).

Entre os bens elevados a categoria de patrimônio na primeira fase do SPHAN no estado de São Paulo estão dois complexos religiosos: o Mosteiro de Nossa Senhora da Luz (São Paulo) e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (atualmente situada na cidade de Embu das Artes). Ambas as edificações, que datam dos séculos XVII e XVIII, foram tombadas também pelo CONDEPHAAT nos anos 1970 e nas décadas finais do século XX passaram a abrigar em seus complexos arquitetônicos museus de arte sacra com coleções de objetos ligados ao catolicismo que remontam do século XVI à atualidade.

Como afirma Costa em sua tese Museologia da Arte Sacra em Portugal (2011) "a arte sacra não foi produzida com fins museológicos, mas com a intenção de expressar o culto, a catequese, a cultura" (COSTA, 2011, p. 37). E desta forma, a obra de arte presente em museus de arte sacra é "portadora de informação sobre a fé religiosa, bem como do modo de vida da sociedade marcada por essa fé" (COSTA, 2011, p. 37).

Para Costa (2011, p. 38) os objetos criados com um propósito litúrgico, ao adentrarem no espaço museal, "deixam o domínio reservado dos fiéis e do rito e convertem-se numa colecção pública, um bem comum acessível para o deleite de qualquer visitante, sem prejuízo de agressão às suas convicções religiosas e sujeita a todas as funções atribuídas às instituições museológicas". Sendo assim, o autor explica que:

> “ na fé cristã, os objectos sagrados são mediadores, sinais e símbolos que elevam o Homem às realidades supra-sensíveis. A veneração é dirigida não aos objectos em si mas àquilo que representam. Não existe uma sacralidade intrínseca e intocável dos objectos, o tabu ou interdito. Estes adquirem o estatuto de sacros enquanto mediadores e elementos activos na liturgia, pelo que a dessacralização causada pelo museu é mais aparente do que real (COSTA, 2011, p. 38)”.

É importante ressaltar que essa concepção dos objetos considerados sagrados é válida na perspectiva católica, sobretudo, na apostólica romana. Em outros segmentos do cristianismo, como por exemplo entre os protestantes históricos ou neopentecostais, os objetos quando presentes no culto assumem funções muito distintas dessas, até mesmo por considerarem já de longa data essa visão católica como “idolatria”. Porém, não nos cabe aqui adentrar nas controvérsias teológicas internas da fé cristã, mas apenas apresentar os limites dessa afirmação de Costa.

Desse modo consideramos necessária a investigação dessas ações de educação patrimonial promovidas por estes museus de arte sacra de maneira integrada com as escolas públicas da municipalidade em que estão inseridos. Pois devemos lembrar que:

> Escolas e museus, como duas instituições responsáveis pela preservação da memória cultural, se encontram no desafio de ampliar o acesso aos bens culturais a um contingente enorme da população que estão, ainda, privados do direito à fruição cultural (NASCIMENTO, 2013, p. 182).

Nascimento também pontua que na atualidade os museus compõem o cenário educativo das cidades, de modo que “há, portanto, um reconhecimento de que é necessário um maior conhecimento sobre os aspectos educativos e comunicativos de suas ações dos museus e de uma maior aproximação das equipes dos museus com as equipes das escolas” (NASCIMENTO, 2013, p. 189).

Muitas pesquisas serviram como sensibilização para a propositura deste tema. Entre eles destaco o artigo da pesquisadora Silvania Sousa do Nascimento (2013) que nos serviu de base para pensar a relação museu e escola, sobretudo no que se refere à questão metodológica da pesquisa. Para compreender a relação entre museologia e arte sacra, as teses de António Manuel R. da Costa (2011) e Maria Isabel da Rocha Roque (2005) foram essenciais para a compreensão do processo histórico da musealização dos bens culturais da Igreja Católica. No tocante a relação entre museus de arte, escola e educação patrimonial, a tese de Denise Grinspum (2000), os artigos de João Pedro Fróis (2008) e Camila Rodrigues Maltêz et alia (2010) foram capitais para o delineamento da temática.

Entretanto dentro dos trabalhos acadêmicos consultados, temos algumas especificidades com relação aos recortes – sempre necessários – adotados pelos pesquisadores. Os artigos de Nascimento (2013) e Maltêz et alia (2010) estão circunscritos a região metropolitana de Minas Gerais. As teses de Costa (2011) e Roque (2005) e o artigo de Fróis (2008) abordam a questão da musealização dos bens culturais da Igreja Católica e da relação entre museus e ensino de arte em contexto português. As teses que mais se aproximam espacialmente de São Paulo são as de Grinspum (2000) e Martins (2006), contudo se atém, respectivamente, a investigação da ação educativa do Museu Lasar Segall e do Museu de Zoologia da USP, ambos situados somente na cidade de São Paulo.

Portanto este trabalho que aqui propomos visa abrir caminhos de investigação sobre a relação entre um tipo específico de museu de arte – a saber: o de arte sacra – e sua relação com a educação, mais especificamente com a educação básica da rede pública de duas cidades da Região Metropolitana de São Paulo (a Capital paulista e Embu das Artes). Acreditamos que estas instituições museológicas (museus de arte sacra) necessitam não somente de uma valorização e proteção de suas edificações pelos órgãos de defesa do patrimônio – como feitos ao longo do século XX pelo IPHAN e CONDEPHAAT –, mas também de registro, de sistematização e de promoção de suas ações de educação patrimonial integradas com a educação pública da municipalidade que estão inseridas. Para que seja cada vez mais sedimentada a

relação entre educação e cultura a partir da interlocução entre os professores da educação básica e os profissionais dos museus.

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa foi diagnosticar e sistematizar ações de educação patrimonial voltadas para o público escolar da rede pública em dois museus de arte sacra da Região Metropolitana de São Paulo, identificando o potencial de cada uma dessas ações e os desafios decorrentes da relação museu escola. Este objetivo geral se desdobrou nos seguintes objetivos específicos:

- Desenvolver pesquisa de campo com os setores educativos do Museu de Arte Sacra de São Paulo (São Paulo) e do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas (Embu);
- Compreender a estrutura de cada um desses museus e suas relações com as escolas públicas da municipalidade em que estão inseridos;
- Realizar estimativas de frequência escolar das instituições museológicas em questão;

- Identificar e registrar as atividades desenvolvidas com o público escolar da rede pública;
- Analisar materiais educativos produzidos pelos museus mencionados direcionados ao público escolar;
- Documentar as atividades de formação com professores;
- Ler, fichar, analisar e dialogar com a bibliografia nacional e estrangeira produzida sobre o tema.

Conforme assevera Nascimento, é importante considerar também que "este estudo, ao propor-se a um diagnóstico, sofre as limitações próprias desse tipo de análise, tendo em vista que um diagnóstico é apenas o panorama observado em um determinado momento temporal" (NASCIMENTO, 2013, p. 189).

Desta forma no primeiro capítulo trataremos sobre o percurso histórico do setor educativo dos Museus de Arte Sacra de São Paulo e dos Jesuítas, procurando investigar de que forma as ações educativas se desenvolveram desde sua criação, para isso utilizamos como fonte reportagens publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*[1].

No segundo capítulo abordaremos a relação entre museu e escola apresentando um diagnóstico dos projetos Educar em Conjunto (MAS) e Descobrindo Embu no Museu (MASJ). Para isso utilizaremos os relatórios produzidos pela SAMAS, organização social gestora do Museu de Arte Sacra de São Paulo e de relatórios gráficos e portfólios de professores do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas.

No terceiro capítulo faremos análise das publicações "Explore o Museu de Arte Sacra: Professores (MAS)" e "Guia Temático do Professor (MASJ)", no qual foram utilizados exemplares destas publicações para embasarmos nossa reflexão.

[1] O cronograma de pesquisa, diante do tempo, limitou o alcance da investigação a outros meios de comunicação. todavia, acreditamos ter uma boa representatividade, visto que o jornal *O Estado de São Paulo* foi, e continua sendo, um dos principais periódicos da imprensa paulista.

2 CAPÍTULO 1: A GÊNESE DOS SETORES EDUCATIVOS EM MUSEUS DE ARTE SACRA DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

2.1 Museu de Arte Sacra de São Paulo

Maurice Halbwachs (1877-1945) em sua obra célebre A Memória Coletiva, afirma que "nosso ambiente material traz ao mesmo tempo a nossa marca e a dos outros" por novas construções altas, parecem perpetuar o espetáculo da vida de antigamente (HALBWACHS, 2006, p. 162-157). Quando transportamos essa frase para compreender uma cidade tão grande e dinâmica como São Paulo, ela faz muito sentido, pois, em meio a tantos prédios modernos, conseguimos encontrar quarteirões antigos que nos fazem ver que o espaço em que circulamos traz a marca de nosso tempo presente e a de tempos anteriores ao nosso.

De acordo com Halbwachs:

> As cidades se transformam no curso da história. [...] As obras públicas e a abertura de novas ruas ocasionam muitas demolições e construções – os planos se superpõem uns aos outros. [...] Os bairros antigos, circundados por novas construções altas, parecem perpetuar o espetáculo da vida de antigamente (HALBWACHS, 2006, p. 162-163).

Mais à frente o autor irá dizer que:

> O espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquelas categoria de lembranças reapareça por novas construções altas, parecem perpetuar o espetáculo da vida de antigamente (HALBWACHS, 2006, p. 170).

Nesse sentido, quando nos defrontamos no bairro da Luz com a edificação do Mosteiro da Luz essas reflexões produzidas por Halbwachs parecem materializar-se em nossa frente. Uma vez que este espaço, para além de abrigar um museu de arte sacra, ele em é um remanescente do período colonial que nos possibilita compreender melhor o que Halbwachs quer dizer com as

apropriações de espaços feitas por grupos ao longo do tempo.

Halbwachs expressa essa ideia nas seguintes palavras: “Os grupos [...] estão naturalmente ligados a um lugar, porque é o fato de estarem próximos no espaço que cria entre seus membros as relações sociais” (HALBWACHS, 2006, p. 165). Sendo assim, para este autor, toda sociedade é composta por grupos que se reúnem em um determinado espaço físico, e este local recebe a marca do grupo e vice-versa. Ainda nas palavras do próprio autor: “todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos” (HALBWACHS, 2006, p. 161-162). E as sociedades religiosas podem ser pensadas por este caminho:

> Elas [as sociedades religiosas] estão fundamentadas em uma comunidade de crenças que tem como objeto seres imateriais, essas associações estabelecem laços invisíveis entre seus membros e se interessam principalmente pelo homem interior (HALBWACHS, 2006, p. 166).

O Museu de Arte Sacra de São Paulo é fruto de um convênio celebrado entre o Governo do Estado e a Mitra Arquidiocesana de São Paulo, em 28 de outubro de 1969 e sua instalação data de 28 de junho de 1970. A partir desta data, o Museu de Arte Sacra de São Paulo passou a ocupar a ala esquerda térrea do Mosteiro de Nossa Senhora da Imaculada Conceição da Luz e a antiga Casa do Capelão, antes administração, e onde, desde 1999, está exposto o acervo de presépios do museu.

De acordo com as pesquisadoras Rosângela Aparecida da Conceição, Myriam Salomão e Danielle Manoel dos Santos Pereira autoras do artigo Museus eclesiásticos: tendências em igrejas paulistas[2] o museu foi instalado em 28 de junho de 1970 com projeto e a execução de montagem de autoria do arquiteto português radicado no Brasil Artur Jorge de Carvalho, que já havia realizado os trabalhos no Museu de Arte Sacra da Bahia e da Exposição de História do IV Centenário de São Paulo (CONCEIÇÃO; CASTRO; PEREIRA, n/d, n.p). As autoras também afirmam que o museu baiano, sediado no antigo Seminário Episcopal foi idealizado em 1957 e inaugurado em 1959, e desde sua concepção esteve vinculado à Universidade Federal de Bahia, sendo projeto do reitor Edgar Santos (CONCEIÇÃO; CASTRO; PEREIRA, n/d, n.p).

A inauguração do Museu de Arte Sacra de São Paulo foi noticiada da seguinte forma no jornal *O Estado de São Paulo* em 26 de junho de 1970:

---

[2] “Museus eclesiásticos: tendências em igrejas paulistas”. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236111363_Museus_eclesiasticos_tendencias_em_igrejas_paulistas. Acesso em 12 de outubro de 2018.

> A última novidade que a cidade tem para mostrar, não só a paulista e paulistanos, mas a todo Brasil, ainda não saiu do forno. Vai sair na segunda-feira, Festa de São Pedro, data excelente para todos tomarem conhecimento, pessoalmente, do primeiro dia de existência do Museu de Arte Sacra de São Paulo. Qual o endereço? Facílimo: Mosteiro de N. Sa. da Luz e Igreja de Frei Galvão, na av. Tiradentes, um dos locais mais tradicionais de São Paulo, constantemente visitado pelos devotos da Santa e admiradores do responsável por aquela construção do século 17, tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (O ESTADO DE SÃO PAULO, 26/06/1970, p. 44).

As instalações do museu foram descritas da seguinte forma:

> As atuais instalações (ala esquerda do prédio do Mosteiro) do Museu, compreendendo 10 salões estão distribuídas numa área utilizada de 2.500 m² e serão ampliadas futuramente, passando a ocupar também o pavimento superior daquela mesma ala. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 26/06/1970, p. 44).

Sobre o percurso da exposição, segundo o jornal *O Estado de São Paulo*, o visitante ouviria, "música sacra gravada em fita enquanto percorre seus amplos salões". Os horários de visitas eram apresentados da seguinte forma:

> Quem desejar visitar o Museu poderá fazê-lo diariamente, menos às segundas-feiras. O horário para o público é das 13 às 17 horas, custando ingresso apenas dois cruzeiros. Às quartas-feiras a entrada é franca. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 26/06/1970, p. 44).

Já na época era noticiado a presença de monitores para acompanhar os visitantes.

> O Museu de Arte Sacra conta, para o atendimento do público visitante, com um grupo de monitores (cinco) sob a orientação de d. Maria Regina Rocha. Todos falam vários idiomas e foram escolhidos após exames de seleção. A maioria já tem experiência adquirida em certames como a Bienal de São Paulo e outros importantes certames realizado no país e até no exterior. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 26/06/1970, p. 44).

A inauguração do museu vinha em meio a um contexto bem agitado em que o jornal alertava que era a hora de "colocar de novo a cabeça no devido lugar e tocar a vida normalmente" (O ESTADO DE SÃO PAULO, 26/06/1970, p. 44), uma vez que um evento importante tinha mexido com a atenção do povo brasileiro: a Copa de 1970. A Copa do Mundo de 1970 foi a nona edição realizada pela FIFA e foi sediada no México. Os jogos encerraram no dia 21 de junho deste ano, cinco dias antes desta matéria ser publicada no jornal e sete dias antes da inauguração do museu.

> Copa do Mundo conquistada pela terceira vez, Taça "Jules Rimet" em nosso poder para sempre, é hora de colocar de novo a cabeça no devido lugar e tocar a vida normalmente. Todos voltam ao ritmo do trabalho diário, torcendo para que o fim de semana chegue depressa. E com ele a possibilidade de fazer uma viagem atraente ou um passeio por um dos pontos interessantes da Capital, que a cada dia tem atrações novas para oferecer (O ESTADO DE SÃO PAULO, 26/06/1970, p. 44).

Como parte dessas atrações oferecidas, a programação de inauguração do Museu de Arte Sacra de São Paulo é apresentada:

> Duas solenidades, que você poderá assistir a partir das 8 horas, marcarão a inauguração do Museu: a primeira será uma missa cantada por 80 vozes, de autoria do padre André da Silva Gomes (1775), inédita em São Paulo, celebrada por Dom Lafayatte Ferreira Alves, bispo auxiliar e vigário geral da Arquidiocese; a segunda, o descerramento da placa comemorativa, por Dona Maria do Carmo Abreu Sodré. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 26/06/1970, p. 44).

Maria do Carmo Abreu Sodré (1924-2012) foi esposa de Abreu Sodré (1917- 1999), vigésimo segundo governador de São Paulo. Sodré foi o primeiro governador eleito indiretamente pela Assembleia Legislativa durante o governo militar, com o apoio do presidente da República, Castelo Branco (1897-1967), e do partido do regime, a Arena (SILVA; PIQUEIRA, 2010, p. 58). De acordo com os pesquisadores Fernando Santos da Silva e Maurício Tintori Piqueira no livro História do Estado de São Paulo - A formação da Unidade Paulista (vol. 3 Governo e Municipalidade), Roberto Costa de Abreu Sodré exerceu sucessivos mandatos como deputado estadual de 1951 a 1963 e em seu mandato como governador (31/01/1967 a 15/03/1971) ele inaugurou a Rodovia Castelo Branco e unificou a Força Pública com a Guarda Civil, criando a Polícia Militar (SILVA; PIQUEIRA, 2010, p. 58). Além disso, afirmam os pesquisadores:

> Durante sua administração, os aparatos repressivos do governo militar, como o Departamento de Ordem e Política Social (DOPS) e a Operação Bandeirante, foram responsáveis pela prisão, tortura e morte de diversos opositores do governo federal no estado de São Paulo, sobretudo aqueles que optaram pela luta armada como tática para derrubar o governo militar, como foi o caso de Carlos Marighella, principal líder da Ação Libertadora Nacional (ALN) em 4 de dezembro de 1969, executado por uma força policial liderada pelo delegado Sergio Paranhos Fleury. Anos depois, foi presidente da Eletropaulo (1982) e ministro das Relações Exteriores no governo José Sarney (1986-1990) (SILVA; PIQUEIRA, 2010, p. 59).

Foi durante o governo de Abreu Sodré que a Fundação Padre Anchieta, as emissoras de Tv e Rádio Cultura e o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza foram criados. Uma marca de seu governo no que se refere a cultura foi a nomeação de seus familiares, como sua esposa, d. Maria do Carmo Abreu Sodré e de sua irmã Sylvia Sodré Assumpção nas decisões das

novas instituições museológicas criadas na década de 1970: d. Maria comporia o conselho do Museu de Arte Sacra de São Paulo e Sylvia Sodré o conselho diretor do Museu da Casa Brasileira.

O jornal *O Estado de São Paulo* também informava que a direção artística do museu estaria a cargo de um colegiado de dez membros, sendo composto por cinco membros da Mitra e a outra metade por membros do Estado:

> O Presidente do Colegiado e diretor executivo do Museu é o sr. Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro Netto, presidente da Academia Paulista de Letras. A entidade conta com seções técnicas de biblioteca (especializada), conservação e restauração, catalogação e controle do acervo, difusão (exposição e cursos) e intercâmbios e informações (O ESTADO DE SÃO PAULO, 26/06/1970, p. 44).

No mês anterior, em 24/05/1970, o jornal informava que administrativamente o museu era órgão da Secretaria de Cultura, Esportes Lazer e Turismo, subordinada ao Conselho de Cultura e que Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro Netto, foi nomeado presidente do colegiado, constituído de dez membros (sendo cinco indicados pelo Governo do Estado e os outros cinco pela Cúria):

> Fazem parte desse colegiado, pelo governo do Estado, além do presidente, d. Maria do Carmo de Abreu Sodré, Antonio Joaquim de Almeida, membro do do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Professor Paulo Antunes, diretor da Faculdade de Direito da USP, e d. Maria de Lurdes Duarte da Costa e Silva, diretora do Serviço de Museus da Prefeitura. Pela Cúria Foram indicados D. José Lafayatte Ferreira Alvares, Vigário Geral da Arquidiocese e professor de História da Arte, D. Clemente Maria Silva Nigro, diretor do Museu de Arte Sacra da Bahia e membro do PHAN, que está colaborando nos serviços de montagem; padre Francisco Russo, procurador da Ordem das Concepcionistas; João Armando Fornazieri e o arquiteto Eideval Bolanho (O ESTADO DE SÃO PAULO, 24/05/1970, p. 25).

Segundo o jornal *O Estado de São Paulo* estiveram presentes na cerimônia de inauguração Arrobas Martins, Abreu Sodré, d. Maria do Carmo de Abreu Sodré, cardeal Agnello Rossi, general José Canavarro Pereira, Pedro Oliveira Ribeiro, entre outras autoridades civis, militares e eclesiásticas. E mais uma vez é enfatizado que "o museu estará aberto à visitação pública diariamente, das 13 às 17 horas. Permanecerá fechado às segundas-feiras. Cinco guias trabalharão no museu orientando e informando os visitantes" (O ESTADO DE SÃO PAULO, 30/06/1970, p. 18?).

É importante ressaltar que Luiz Gonzaga Bandeira de Mello Arrobas Martins (1920- 1977) era bacharel em direito pela Faculdade de Direito da USP e foi colaborador do jornal *O Estado de São Paulo* e exerceu cargos públicos na administração pública paulista, sendo Secretário do Planejamento e da Fazenda de Abreu Sodré, Secretário de Governo de Paulo Egydio Martins e

também Secretário de Estado da Cultura durante o governo de Abreu Sodré. A Arrobas Martins é atribuída a organização dos Museus de Arte Sacra, Museu da Imagem e do Som e Museu da Casa Brasileira, além da criação do Conselho Estadual de Cultura e do Festival de Inverno de Campos de Jordão.

Os chamados "monitores" ou "guias" do Museu de Arte Sacra de São Paulo desde sua inauguração ganharam destaque na imprensa paulista. O domínio de línguas estrangeiras e sua experiência em eventos de arte como a Bienal são destacados. Tais monitores serão requisitados até mesmo na abertura de outro museu. Em 1971, ano seguinte da inauguração do Museu de Arte Sacra de São Paulo, foi inaugurado o Museu da Casa Brasileira. No dia 09/03/1971 às 20h30 o MCB seria inaugurado e de acordo com *O Estado de São Paulo*:

> O Museu da Casa Brasileira será inaugurado hoje, às 20 e 30, no Solar Fabio Prado, na avenida Brigadeiro Faria Lima, 774, pelo governador Abreu Sodré. O Museu já conta com um acervo de 70 peças e conjuntos, principalmente mobiliário. No entanto, somente 19 peças avulsas serão expostas hoje: ficarão, amanhã, abertas à visitação, das 10 às 16 horas. [...] Na inauguração e amanhã, será distribuído um livreto sobre os objetivos e sobre o acervo do MCB, e haverá dois monitores, cedidos pelo Museu de Arte Sacra (O ESTADO DE SÃO PAULO, 09/03/1971, p. 8).

No ano seguinte novamente a habilidade linguística dos monitores seria ressaltada pelo jornal:

> Recentemente criado, o Museu de Arte Sacra - avenida Tiradentes, 676 - Em seu acervo, santos de barro, madeira e marfim, pratarias religiosas e objetos de uso pessoal de religiosos importantes. O Museu dispõe de monitores universitários que falam quatro línguas e de uma secção que vende livros e discos de música sacra. As obras estão montadas em vitrinas iluminadas. O edifício onde funciona o MAS foi tombado pelo Patrimônio Artístico, Histórico e Cultural, por ser o único que restou, no Município de São Paulo, do período colonial. Aberto de terça a domingo, das 13 às 17 horas. Tel: 228-4086. Cr$ 2,00, sendo que às quartas o ingresso é gratuito. Mostra permanente (O ESTADO DE SÃO PAULO, 04/08/1972, p. 7).

Porém é em 1973 que vamos encontrar menção a possibilidade de visitas escolares ao Museu de Arte Sacra de São Paulo sendo noticiada pelo jornal *O Estado de São Paulo*:

> Durante a visita você ouvirá uma suave música de fundo. Organização impecável, cada peça é numerada e etiquetada, com explicações. Há catálogo que pode ser comprado por 8,00 [cruzeiros] com o histórico completo das obras. Vende slides (75,00 o conjunto de 50 unidades), postais (0,50 cada), catálogo das exposições no exterior, em inglês e português (10,00), uma guia a cores (3,00) e outro branco e preto distribuído gratuitamente. No momento, 200 peças do museu estão expostas em Lisboa. Há monitores que falam inglês, francês, alemão, italiano e espanhol.

> Horário: das 13.30 às 17.30, de terça a domingo. Entrada: 3,00: crianças não pagam. Às quartas a entrada é franqueada ao público. Escolas que quiserem fazer visita devem avisar com antecedência. No pátio há estacionamento para 30 carros (O ESTADO DE SÃO PAULO, 24/06/1973, p. 250).

No final da década de 1970, mais especificamente no ano 1979, será publicado no jornal *O Estado de São Paulo* uma reportagem de Frederico Mengozzi (1951-2007) em 11/02/1979 sobre os museus de São Paulo, na qual o jornalista aborda questões relativas à formação de pública e falta de verbas dos museus.

Para Mengozzi "um museu como templo de musas é uma imagem que não se aplica a nenhum museu de São Paulo, com a possível exceção do Museu de Arte Sacra que, pelo próprio ambiente que o circunscreve e acervo que expõe, para sacralizar o objeto de arte e o exercício artístico" (O ESTADO DE SÃO PAULO, 11/02/1979, p. 22). O jornalista informa que a frequência média anual dos museus de São Paulo, na época, "oscila em torno de 250 mil pessoas, divididas entre as sete principais instituições da cidade: Museu de Arte de São Paulo, Museu de Arte Contemporânea, Museu de Arte Moderna, Museu de Arte Sacra, Museu de Arte Brasileira, Museu Lasar Segall e Pinacoteca do Estado". Sobre o público frequentador Mengozzi afirma:

> Considerando-se que São Paulo é o mais importante centro cultural do País, o insignificante número de 660 pessoas - muitas das quais turistas -, que visitam diariamente os acervos e as exposições, reflete com exatidão o quadro que deriva da realidade brasileira. Situados em sua maior parte em bairros de classe média, os museus de arte paulistanos recebem um público predominantemente jovem, em grande parte composto por estudantes e pessoas já iniciadas em arte. A visita de um lavador de carros ou de empregados modestos do comércio é quase um privilégio do Museu de Arte Sacra e da Pinacoteca do Estado - ambos no bairro da Luz -, os únicos museus localizados nas proximidades de bairros populares. As elites culturais e econômicas são elementos quase ausentes dos museus: um único professor universitário visitou, num prazo de três meses, o rico acervo de arte sacra do MAS (O ESTADO DE SÃO PAULO, 11/02/1979, p. 22).

Como proposta de intervenção nesta realidade o jornalista defende que "a descentralização dos museus e sua consequente distribuição pelos bairros é uma necessidade que se impõe para a democratização do acervo de arte e da própria atividade artística" (O ESTADO DE SÃO PAULO, 11/02/1979, p. 22).

O diretor do Museu de Arte Sacra de São Paulo, na época, Olavo Baptista Filho se pronuncia no jornal dizendo "Ainda não foi possível realizar todos os objetivos do Museu, quais sejam: exposições temporárias, remanejamento do acervo com fins didáticos, aulas e palestras, visitas programadas, atividades musicais e catalogação do acervo de sua biblioteca" (O ESTADO

DE SÃO PAULO, 11/02/1979, p. 22). E prossegue: “Por certo que, com o tempo, o Museu se constituirá num centro de pesquisa da arte sacra do Brasil, emprestando assim valioso concurso ao desenvolvimento cultural da comunidade” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 11/02/1979, p. 22).

Em matéria sobre museus, intitulada “São Paulo, cidade de muitos museus. Embora ainda pouco desfrutados” o Museu de Arte Sacra é citado da seguinte forma: “Destacam-se pratarias, peças de ouro, retábulos paulistas, lampadários, oratórios, mobiliário religioso, serviço de monitoria permanente, fototeca e arquivo. O horário de visitação é das 13 às 17 horas, de terça-feira a domingo” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 09/01/1983, p. 34). Desta forma percebemos que na década de 1980 o serviço de monitoria continua sendo evidenciado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, contudo a apropriação do museu pelo público ainda é algo “pouco desfrutado” na visão deste periódico. Sobre o serviço de monitoria deste período e das décadas seguintes, 1980 à 2000, ainda, é algo que reconhecemos a importância de ser objeto de reflexão acadêmica para que novas luzes sejam lançadas sobre as rupturas e permanências sobre as percepções sobre a diferentes trajetórias da mediação em museus que vai desde sua percepção como “guia”, “monitor” até educador como é nos dias de hoje. Portanto, feitas estas considerações sobre a década inicial do museu, nas linhas que seguem passaremos a tratar do museu na atualidade.

O Museu de Arte Sacra pertence a Secretaria do Estado da Cultura que é organizada conforme determinação do governo vigente. A Secretaria do Estado da Cultura[3] possui cinco coordenadorias temáticas que são responsáveis pela definição de diretrizes, planejamento e acompanhamento da gestão de equipamentos, programas ações sob responsabilidade da pasta, além de contar com outros departamento e assessorias na estrutura do órgão. Desse modo, de acordo com a publicação Secretaria da Cultura: programas, ações e equipamentos (2018), esta é a forma simplificada da estrutura da Secretaria:

> **Secretário** Secretário-Adjunto Chefia de Gabinete
> **Coordenadorias**
> Unidade de Difusão, Bibliotecas e Leitura – UDBL Unidade de Formação Cultural – UFC
> Unidade de Fomento e Economia Criativa – UFEC
> Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico – UPPM
> Unidade de Preservação do Patrimônio – UPPH Coondephaat (527 bens tombados)
> Monitoramento e Avaliação Assessoria de Comunicação Assessoria de Obras
> (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2018, n. p)

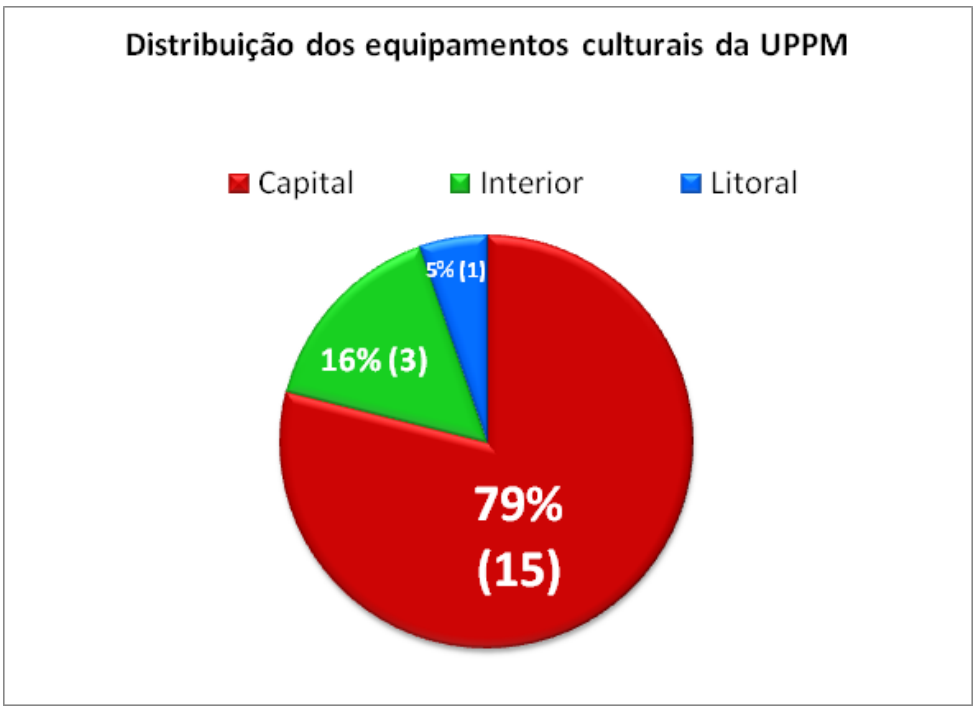
[3] Como o levantamento de dados para esta pesquisa foi encerrado em dezembro de 2018, a organização da Secretaria da Cultura do Estado foi feita com base na referida publicação oficial de 2018. Contudo, para o quadriênio 2019-2022, com a transição de governo ocasionada pelas últimas eleições para o executivo estadual, a pasta passou a ser nomeada como Secretaria da Cultura e Economia Criativa. Para o acompanhamento atualizado da nova estrutura organizacional sugerimos o acesso ao site: http://www.cultura.sp.gov.br/.

A Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM), instituída pelo Decreto Estadual nº 50.941/2006, tem por responsabilidade elaborar, desenvolver e avaliar diretrizes e políticas públicas relacionadas ao patrimônio museológico do estado de São Paulo. A UPPM mantém uma rede composta por 19 equipamentos culturais que são geridos em parceria com Organizações Sociais de Cultura e fazem parte do Grupo de Preservação do Patrimônio Museológico da Secretaria da Cultura.

Constituem esse conjunto, 15 equipamentos culturais na capital paulista, 3 no interior de São Paulo e 1 no litoral. São eles:

- **Capital:** Casa Guilherme de Almeida, Casa das Rosas, Museu Afro Brasil, Museu Catavento, Museu da Casa Brasileira, Museu da Diversidade, Museu da Imagem e do Som, Museu da Imigração, Museu da Língua Portuguesa, Museu de Arte Sacra, Museu do Futebol, Paço das Artes, Pinacoteca, Estação Pinacoteca e Memorial da Resistência;
- **Interior:** Museu Casa de Portinari (Brodowsky), Museu Felícia Leirner (Campos do Jordão) e Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre (Tupã); Litoral: Museu do Café (Santos).

Gráfico 1: Distribuição dos equipamentos culturais da UPPM



Fonte: Próprio autor, 2018.

A UPPM mantém o Sisem-SP (Sistema de Museus do Estado de São Paulo) que tem por objetivo congregar e articular os museus do estado de São Paulo, promovendo a qualificação e o fortalecimento institucional em favor da preservação, pesquisa e difusão do patrimônio museológico paulista. As atribuições do Sisem-SP estão previstas no Decreto Estadual nº 24.634/1986 com alterações dadas pelo Decreto nº 57.035/2011. Em mapeamento realizado em 2010, foram listadas 415 instituições museológicas, públicas e privadas em 190 municípios paulistas.

A Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico define da seguinte forma sua missão e visão:

> É missão da UPPM, em sua política relativa ao patrimônio museológico, e em parceria com outros agentes – municípios, instituições e sociedade civil organizada – promover a preservação, a pesquisa e a comunicação do patrimônio cultural dos museus paulistas em favor do direito dos cidadãos à participação ampla, à memória e à diversidade cultural, por meio da formulação e implementação de políticas públicas para a área museológica e da articulação desses museus. Como visão de futuro, a UPPM pretende ser referência no campo museal por meio das ações decorrentes das políticas públicas voltadas aos museus paulistas, promovendo a apropriação do patrimônio cultural pela sociedade e garantindo o direito à cultura e à memória[4].

Atualmente, as principais atribuições do Museu de Arte Sacra de São Paulo, de acordo com seu site, são: recolher, classificar, catalogar e expor convenientemente objetos religiosos cujo valor estético ou histórico recomende a sua preservação; expor permanente, pública e didaticamente seu acervo[5].

O museu funciona de terça a domingo das 9 às 17 horas. Os ingressos custam R$6,00, com direito a meia entrada para estudantes. Há isenção para idosos acima de 60 anos; crianças até 7 anos; professores da rede pública (com identificação) e até 4 acompanhantes; policiais militares, civis e da polícia técnico-científica; pessoas com deficiência e guias cadastrados no ministério do turismo (CADASTUR)[6]. Aos sábados a gratuidade é estendida para todos os visitantes.

A Ação Educativa conta com um grupo de educadores que são contratados pela SAMAS, organização social responsável pela gestão do espaço. Tais educadores são responsáveis por realizar visitas espontâneas e agendadas à grupos, visitas integradas entre instituições, realizar encontros para professores e profissionais de turismo, entre outras frentes de trabalho.

---

[4] Disponível em: http://www.cultura.sp.gov.br/departamentos/. Acesso em 12 de outubro de 2018.
[5] Disponível em: http://www.museuartesacra.org.br/pt/museu/museu-da-arte-sacra. Acesso em 12 de outubro de 2018.
[6] Informação disponível em: http://www.museuartesacra.org.br/pt/museu/informacoes. Acesso em 12 de outubro de 2018.

2.2 Museu de Arte Sacra dos Jesuítas

Em 1948 o Arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, passa a escritura da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e convento anexo para a Fundação Maria Auxiliadora para que esta exercesse a função de assistência social e religiosa à população de Embu. Tal fundação foi criada em Campos de Jordão com o objetivo de hospitalizar tuberculosos. Sua fundadora, Odette de Souza Carvalho, desde 1922 sofrera com esta doença, e o que viria a ser a Fundação Maria Auxiliadora, surgiu inicialmente como um pensionato para garotas, tendo por intuito ajudá-las, visto que o tratamento e a hospedagem eram muito caros na época (Descobrindo Embu no Museu, 2014, p. 22). Odette passaria a se identificar mais fortemente com o trabalho filantrópico e vida religiosa, o que culminou em sua consagração à vida religiosa e no estabelecimento da Fundação Maria Auxiliadora (Descobrindo Embu no Museu, 2014, p. 22).

Neste mesmo ano a Fundação Maria Auxiliadora se instala na residência anexa à igreja, criando uma clínica infantil e um curso de alfabetização primária para crianças nas dependências do atual MASJ. De acordo com a publicação Descobrindo Embu no Museu:

> Durante o período em que o prédio esteve sob a administração da Fundação, foi realizado o restauro de algumas peças que se encontram atualmente em exposição, a confecção de novas roupas e paramentos das imagens a partir de tecidos antigos e algumas intervenções no prédio, como a substituição de parte do piso de madeira, colocação de pedras no claustro e no terreiro externo, instalação de forros nos quartos, entre outros (Descobrindo Embu no Museu, 2014, p. 22).

Madre Odette foi a primeira pessoa a organizar o espaço como um museu que, durante a existência da Fundação, atenderia a moradores e turistas. Contudo, em 1965, o jornal *O Estado de São Paulo*, se opunha a responsabilidade confiada pela Arquidiocese à Fundação Maria Auxiliadora para a gestão de tal espaço. Flávio Galvão (1926-1994), dedicou duas longas páginas para tratar da "Igreja de N. Sa. do Rosário, no Embu" na edição de 05/03/1965. Segundo ele: "infelizmente o monumento jesuítico do Embu, composto da Igreja de N. Sa. do Rosário e do convento ou casa residencial anexa, está inteiramente desaproveitado do ponto de vista histórico-educativo" (O Estado de São Paulo, 05/03/1965, p. 34)

Prossegue Galvão dizendo que "garantida a sua preservação, não funciona, como deveria funcionar, como um museu. Tudo ali está esparramado ou amontoado, sem o menor cuidado histórico ou artístico, a esperar um trabalho científico de disposição, de classificação, de

catalogação. Sem isso, inútil do ponto de vista educativo" (O Estado de São Paulo, 05/03/1965, p.34). Além disso, Galvão dirá que também "ressente-se da inexistência de guias especializados, que possam mostrar o que ali existe, sem cometer maiores erros históricos e, sobretudo, sem se embrenhar no amontoado de lendas, de que o Embu é fértil" (O Estado de São Paulo, 05/03/1965, p.34).

Flávio Galvão cita em sua reportagem que "a capela e o convento, que são propriedade da Mitra Arquidiocesana de S. Paulo, foram confiadas desde 1947, mediante aforamento perpétuo, à Fundação Maria Auxiliadora, sociedade civil-religiosa criada por d. Odete de Souza Carvalho, sua irmã superiora" (O Estado de São Paulo, 05/03/1965, p.35, grifos presentes no original). Galvão se utiliza de uma fala do historiador Moacyr de Faria Jordão para falar sobre o trabalho das religiosas da Fundação "vem a Fundação zelando pelo Monumento com desvelo e competência, além de manter o culto divino na igreja e exercer no convento atividades relacionadas com a infância local, mantendo escola primária, clínica infantil, preventório no Sítio da Ressaca e outras atividades sociais correlatas" (O Estado de São Paulo, 05/03/1965, p.35). A isso Galvão dirá:

> Eis, pois, um dos mais belos monumentos da nossa época colonial transformada em escola, em creche, em clínica! Não somos, nem poderíamos ser, obviamente, contra quaisquer obras assistenciais. Somos, porém, e intransigentemente contra o aproveitamento de monumentos de inapreciável valor histórico e artístico para sede de instituições dessa natureza. Que relação de afinidade pode existir entre uma instituição assistencial, de caráter ainda por cima religioso, com o nosso patrimônio histórico e artístico? Que relação de afinidade pode existir entre as atividades de religiosas consagradas a obras sociais e a preservação, a conservação, a restauração de nossos monumentos históricos e artísticos e seu aproveitamento histórico-educativo? E mais ainda: que conhecimento especializado, técnico - tanto de história, como de arte - podem ter as irmãs às quais foi dado, por aforamento perpétuo, o monumento jesuítico do Embu? (O Estado de São Paulo, 05/03/1965, p.35).

Percebemos, desta forma, a total indignação de Galvão a respeito da gestão do espaço. As disputas que envolvem tal patrimônio ficam nítidas quando ele afirma:

> Acreditamos e, mais do que isso, estamos certo de que a Fundação Maria Auxiliadora deve desempenhar atividades de relevância e de valor no campo da assistência social, no Embu. Mas tais atividades, necessariamente, não têm de ser desempenhadas na sede do antigo convento. O Monumento tem de ser preservado totalmente. Destiná-lo a atividades como as citada Fundação é condená-lo à destruição. Mais ainda e insistindo: monumentos como o do Embu têm de ter uma função educativa, histórica e artística, a qual só se poderá realizar desde que transformado o monumento em museu - museu no sentido exato, moderno e dinâmico da palavra e não num simples depósito onde se acumulam alcaides (O Estado de São Paulo, 05/03/1965, p.35).

Para Galvão o espaço deveria se transformado em Museu Histórico gerido pelo poder público: “Tudo, pois, indica, aconselha recomenda que se transforme o Embu em um Museu Histórico sob a égide do poder Público. A sugestão não é nossa, nem nova. Nós apenas a endossamos Moacyr Faria de Jordão, na monografia “O Embu na História de S. Paulo”, vinda a lume em 1960 [...]” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 03/03/1965, p 35).

> A situação atual do Embu está muito longe de ser boa. É mesmo inteiramente contra- indicada. Estando o monumento entregue a uma instituição privada como bem acentua Jordão em sua monografia, “não pode ser oferecido na sua plenitude ao povo no seu direito sagrado e universal de conhecer, estudar e venerar as obras que contribuem para sua glória artística ou que se acham intimamente ligadas aos acontecimentos notáveis de sua história” [...]. “Por isso - conclui o historiador do Embu - por constituir preciosidade histórica, rica de tradições que evocam os grandes e heróicos episódios do bandeirismo, e por guardar nas suas linhas a pureza e autenticidade da arquitetura jesuítica, encerrando no seu interior as joias da arte paulista mais antiga, cabe ao governo do estado (e nós acrescentaríamos ou da União), através de sua Secretaria competente, promover gestões junto de sua eminência o cardeal-arcebispo de S. Paulo a afim que em comum acordo seja criado nesse conjunto jesuítico, inédito em terras paulistas, o Museu Histórico do Embu, possibilitando, assim, o retorno aos seus devidos lugares, dos tesouros que lhe pertencem, levados para outras paróquias ou mesmo para o Museu da Cúria”. Em 1937, graças à campanha de Paulo Duarte contra o vandalismo e o extermínio, conseguiu-se impedir, a tempo, a destruição a que o Embu e outros monumentos estavam condenados.
> Urge completar, agora, a obra, destinando o Embu aos seus mais legítimos fins, em função do seu valor histórico e artístico, transformando-o em museu, sob a égide do Poder Público (O Estado de São Paulo, 05/03/1965, p.35).

Apesar de toda essa oposição a Fundação Maria Auxiliadora, na edição de 19/05/1970, irmã Odette foi entrevistada pelo jornal *O Estado de São Paulo*. O Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, na época, foi apresentado pelo jornal sob o nome de “Museu do Convento do Embu”. A reinauguração do museu foi noticiada da seguinte forma.

> O Museu do Convento do Embu, que reúne peças sacras do século XVII e XVIII, algumas de barro cozido e outras de madeira - todas de artesanato índio e local - foi reaberto oficialmente no sábado à tarde [16/05/1970], e estará aberto à visitação pública todos os dias, menos às segundas-feiras, de 9 às 11h e de 14 às 17 horas. Entre outras peças há um órgão inteiramente fabricado pelos indígenas e escravos. Estas peças, estão dispostas no pavimento superior do Convento, faziam parte da obra de catequese dos jesuítas (O Estado de São Paulo, 19/05/1970, p. 15).

Irmã Odette afirma a finalidade com qual ela criara o museu e, segundo ela, foi preparado por especialistas:

> Durante anos, o museu foi carinhosamente preparado pelos especialistas mais capazes, que colaboraram de graça. Esse trabalho de restauração e preservação foi idealizado e iniciado desde o dia em que a Fundação tomou posse deste Convento, unicamente porque vi nela o que todos destes século devem ver, retornando às grandes dificuldades do passado: o espírito de sacrifício com que os jesuítas e os índios provaram seu amor a Deus e à Arte (O Estado de São Paulo, 19/05/1970, p. 15).

A religiosa também dirá ao jornal que durante vários anos, não só a igreja e a sacristia eram visitadas, mas todo o andar superior do Convento. Contudo, afirma, Odette: "Fui forçada a fechar o Museu devido ao vandalismo de certos visitantes que levaram, como 'recordação' dedos, mãos das imagens, quadros da Via-Sacra, até a pia de água benta". Prossegue a narrativa:

> Tentei reabri-lo uma segunda vez e a mesma coisa voltou a acontecer. Resolvi colocar cordas e assim preservar as imagens; mas um professor chegou a pulá-las e entregar a seus alunos as imagens para que eles observassem as suas articulações e peso. Outra vez, foi-me solicitado pelo governo mostrar o museu a uma comissão de altos funcionários franceses; terminada a visita, o escapulário de ouro de Nossa Senhora do Carmo desaparecera (O Estado de São Paulo, 19/05/1970, p. 15).

Como alternativa a esses ataques, as peças agora seriam exibidas "devidamente protegidas por aquários de vidro". Segundo o jornal *O Estado de São Paulo* estariam expostas as seguintes peças:

> " o conjunto do presépio da Noite de Natal, com o menino Jesus, Nossa Senhora, São José, um Arcanjo, um caboclo representando um pastor e vários anjos; conjunto do menino Jesus quando recebeu os reis Magos; conjunto da Ceia em que foi instituída a Eucaristia, com Jesus e os dozes apostolos; conjunto de Jesus no Hôrto com o Anjo apresentando-lhe o cálice; imagem de Jesus manietado; imagem de Jesus carregando a Cruz; Imagem de Jesus morto; imagem de Nossa Senhora das Dores. Além destas, há ainda um conjunto com Maria Madalena aos pés da Cruz e São João acompanhando Nossa Senhora; urna para o Santo Sepulcro, ladeada por 2 anjos, e mais uma dúzia de conjuntos e imagens isoladas" (O Estado de São Paulo, 19/05/1970, p. 15).

Ainda sobre o prédio e a atuação de Odette, informava o jornal:

> Tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Museu do Convento do Embu, bem como a igreja ao lado, está atualmente sob custódia da Fundação Maria Auxiliadora, cuja fundadora, irmã Odette, trabalhou durante 22 anos para convencer as autoridades a preservaram e restauraram as relíquias (O Estado de São Paulo, 19/05/1970, p. 15).

Três anos depois da publicação desta reportagem, aos 74 anos de idade, a religiosa faleceu. Madre Odette, segundo Silva, faleceu em 29 de março de 1973 e "foi velada na igreja de Nossa

Senhora do Rosário e enterrada no cemitério de mesmo nome, que se encontra no centro da cidade de Embu das Artes" (SILVA, 2018, p. 236).

Desse modo, cinco anos após o falecimento de Madre Odette, o Museu por ela criado é noticiado na edição de 09/06/1978, com um horário reduzido de funcionamento. Na reportagem "No Embu, as artes e até restaurantes com ambientação do século XVIII", após apresentar a famosa Feira das Artes, o jornal aborda a existência de dois museus de arte: o Museu Histórico, Folclórico e Artístico do Embu e o Museu de Arte Sacra:

> Além de sua Feira, sem dúvida a maior atuação do Embu, a cidade oferece dois preciosos museus. No de Arte Sacra ao lado da Igreja Matriz de N. S. do Rosário, estão resguardadas numerosas esculturas setecentistas, em madeira, um andor entalhado, pinturas e alfaias de culto. As obras mais apreciada são a Santa Ceia, Senhor dos Passos, Jesus Manietado e N. S. das Dores. Aberto de terça-feira a domingo, das 13 às 18 horas, com entrada paga (O Estado de São Paulo, 09/06/1978, p. 45).

Podemos inferir a partir do cruzamento de dados da pesquisa de Silva (2018) com o jornal *O Estado de São Paulo* que a redução de horário do funcionamento do museu, que na época em que sua idealizadora Madre Odette, era das 9h às 11h e 14h às 17h, sofreu alterações devido ao enfraquecimento institucional da Fundação Maria Auxiliadora, com a morte de sua fundadora. Este horário de funcionamento, das 13 às 18 horas, se manteve na década seguinte, uma vez que na página 44 da edição de 29/01/1982, o jornal *O Estado de São Paulo*, na reportagem "Uma cidade de artesão, artistas e antiquários" afirmava que:

> O seu velho centro ainda está lá, com a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, totalmente recuperada, obedecendo às plantas originais, num verdadeiro documento da arquitetura da antiga vila M'Boy, conforme chamaram-na os jesuítas em 1554. Anexo à Matriz, está o Museu de Arte Sacra, com esculturas setecentistas de madeira, um andor entalhado, pinturas e alfaias de culto, funcionando de terça a domingo, das 13 às 18 horas (O Estado de São Paulo, 18/04/1986, p. 52).

Em 1986 em matéria publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, o museu também era referenciado:

> Os prédios coloniais, os ateliês de artesanato e as lojas de móveis são os principais atrativos de Embu, um dos municípios mais antigos de São Paulo e que há 30 anos só tinha sitiantes, além de seu larguinho da matriz e ruas calçadas por pedras irregulares. Foi um morador famoso - o pintor naif Cássio M'Boy - que deu origem à Embu das Artes, embora ele tenha deixa quando dezenas de artistas e artesão chegaram para substituí-lo.
> O seu velho centro ainda está lá, com a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário,

> totalmente recuperada, obedecendo às plantas originais, num verdadeiro documento da arquitetura da fundação da antiga vila M'Boy, conforme chamaram-na os jesuítas em 1554. Anexo a Matriz, está o Museu de Arte Sacra, com esculturas setecentistas de madeira, um andor entalhado, pinturas e alfaias de cultura, funcionando de terça a domingo, das 13h às 18 horas (O Estado de São Paulo, 18/04/1986, p. 52).

De acordo com Silva, a Fundação Maria Auxiliadora: "manteve a propriedade do complexo até o ano de 1991. Em virtude da extinção da fundação, o prédio foi entregue aos jesuítas por meio de uma escritura de doação que tornou a Companhia de Jesus, representada juridicamente pela Sociedade Brasileira de Educação e Assistência Social" (SILVA, 2018, p. 236). Ainda de acordo com a pesquisadora, a doação foi efetivada em de 02 de dezembro de 1991 e a partir de então a posse da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e todo o seu acervo, bem como sua preservação passaria a ser responsabilidade dos jesuítas.

Para Silva, "o museu entre os anos de 1991 e 2004 passou por períodos em que a visitação ao prédio se manteve de forma irregular" (SILVA, 2018, p. 237). No entanto, o jornal O Estado de São Paulo publicou em 1999 uma reportagem dizendo que a "feira de Embu vira programa descolado" e apresentava um lugar que ficaria despercebido no meio de tanta agitação:

> No meio de toda a confusão causada pelas milhares de pessoas que circulam pelo lugar nos fins de semana, a Igreja Nossa Senhora do Rosário, de 1690, localizada no Largo dos Jesuítas, quase fica despercebida. uma pena. O espaço virou Museu de Arte Sacra e expõe todas as relíquias colecionadas pelos padres da cidade ao longo dos anos. Abre aos sábados e domingos, a partir do meio-dia. A entrada custa R$1,00. Mais informações pelo tel. (011) 494-2654. (O Estado de São Paulo, 20/07/1999, p 78).

Desta forma, percebemos que ainda que tivesse um horário de visitação reduzido e restrito em 1999, aos sábados e domingos o museu funcionava a partir do meio dia. Será em 2004, durante a gestão do padre jesuíta Carlos Alberto Contieri, que ocorrerá a reabertura do museu e o início de desenvolvimento projetos culturais de cunho educacional e social, entre eles o Projeto Descobrindo Embu no Museu que será objeto de análise do próximo capítulo.

Nas palavras de Silva: "em outubro de 2004, o museu foi reaberto pelo atual diretor o padre Carlos Alberto Contieri SJ que desde então tem promovido inúmeros projetos ligados à difusão da memória jesuítica no local, por meio de projetos de educação patrimonial, cursos, formações e visitas ao museu" (SILVA, 2018, p. 237). No referido ano, Padre Contieri diria ao jornal *O Estado de São Paulo*:

> Estamos recolhendo o currículo de estagiários: estudantes de História, Geografia e Sociologia para trabalhar na monitoria", diz [Padre Contieri]. "Uma senhora que está lá desde a década de 1970 dá monitoria para escolas. Quando ela não está o filho fica no lugar, mas eles não têm formação específica" (O ESTADO DE SÃO PAULO, 25/10/2004, p.c6).

O sacerdote também retomava aspectos da história do museu:

> Entre 1947 e 1988, a custódia do conjunto foi concedida pela Arquidiocese à Fundação Nossa Senhora Auxiliadora. nessa gestão, o museu foi reaberto ao público. "Só em 88, a Arquidiocese devolveu a obra para a Companhia de Jesus", diz Contieri. Agora, os jesuítas batalham por sua revitalização (O ESTADO DE SÃO PAULO, 25/10/2004, p.c6).

Com isto percebemos que no Museu de Arte Sacra dos Jesuítas havia um serviço de monitoria educativa para os visitantes, mas este não foi alvo de atenção por parte do jornal *O Estado de São Paulo,* uma vez que não seguia os parâmetros esperados pelo jornalista Flávio Galvão que defendia que o serviço fosse feito por guias especializados para que se evitasse distorções dos fatos. Pelo relato do Padre Contieri em 2004, fica claro que havia uma senhora e seu filho que desde a década de 1970 (década de reabertura do museu quando Madre Odette seria exaltada no jornal por deixar o acervo mais seguro ao colocar redomas para a proteção dos objetos) faziam o acompanhamento das visitas ao espaço. Contudo, no referido jornal ambos jamais foram alvo de menção, como os chamados "monitores" do Museu de Arte Sacra de São Paulo, sempre destacados pela fluência em línguas estrangeiras e experiência na Bienal de São Paulo.

Será a partir do ano de 2004 que veremos uma produção mais sistematizada da ação educativa do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, a partir da contratação de pessoal especializado para a condução das atividades educativas que culminará na elaboração do Projeto Descobrindo Embu no Museu, para estabelecimento de parcerias entre o museu e as escolas, além de fazer a intermediação com o poder público para fornecer ônibus para as escolas públicas municipais. Também será a partir da segunda metade da década de 2000 que o horário de funcionamento será ampliado, passando a funcionar de terça a domingo das 9 às 17 horas (com fechamento para almoço entre às 12 e às 13h). O valor do ingresso praticado atualmente é R$8,00 (inteira), R$ 4,00 (para estudantes e professores) e isenção para crianças até sete anos, idosos e aposentados.

Figura 1: Fachada do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas

Fonte: Acervo Fotográfico do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, 2012.

Se por um lado o número de atividades e projetos se amplia a partir de 2004, por outro a recorrência de menção no jornal *O Estado de São Paulo* ao museu e seu acervo se torna mais escassa. Podemos atribuir a isso a difusão da internet como meio privilegiado para a divulgação de atividades sem precisar ter jornalistas como intermediários para a comunicação de conteúdos, tendo o site institucional como lócus para tal divulgação com o público e, na atualidade, as redes sociais potencializando tal comunicação. É possível também que tenha havido uma perda de articulação institucional do museu com a imprensa tradicional paulista.

De todo modo, o que podemos afirmar com certeza é que na década de 2000, quando o museu passou a estruturar sua ação educativa a partir da contratação de educadores, o Jornal *O Estado de São Paulo* já não se constitui mais uma fonte significativa de pesquisa para a história do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas. Flávio Galvão, o jornalista que criticou ferrenhamente a gestão do espaço feita pelas religiosas da Fundação Maria Auxiliadora, falecera em 1994 sem poder vislumbrar uma organização maior do serviço educativo por especialistas, algo que ele defendia. Porém o que ele não veria ser contemplado, seria a gestão do espaço pelo poder público, uma vez que esta foi transferida para a Companhia de Jesus.

Dado o distanciamento do jornal "*O Estado de São Paulo*" com as atividades realizadas pelo Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, o desenvolvimento de pesquisas sobre o museu, a partir de 2004, dependerá da maneira como este, enquanto instituição, organizará sua memória para além de seu acervo. É neste momento em que os relatórios de atividades, publicações digitais e portfólios do Projeto Descobrindo Embu no Museu se tornam documentos importantes para o registro das atividades, bem como para investigação acadêmica. Parte desta documentação será

objeto de análise do próximo capítulo.

3 CAPÍTULO 2: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O PÚBLICO ESCOLAR EM MUSEUS DE ARTE SACRA EM SÃO PAULO.

De acordo com Almeida, os museus proporcionam a experiência com objetos que, em si, podem gerar motivação, curiosidade e questionamento da parte do estudante e têm o potencial de ultrapassar a complementaridade da escola (ALMEIDA, 1997, p. 51). A autora argumenta que a visita ao museu pode proporcionar aprendizagem de elementos cognitivos e afetivos que, embora não tenham fronteiras, podem ser compreendidos da seguinte forma: a motivação para conhecer mais sobre temas tratados e o crescimento pessoal são exemplos de ganhos afetivos; já os elementos cognitivos residem no fato de uma visita ao museu gerar aprendizado tanto quanto uma aula (ALMEIDA, 1997, p. 52).

A pesquisadora considera, neste artigo da década de 1990, que a metodologia da Educação Patrimonial seria a mais adequada para que o museu pudesse cumprir a sua função de comunicação para fins de educação e lazer - criando uma relação de simpatia afetiva entre o público e o museu, além de estabelecer uma postura de reconhecimento e preservação do patrimônio (ALMEIDA, 1997, p. 56), pois, considera que tal metodologia "proporciona ao educando uma experiência que pode levar a sua aprendizagem, com ganhos cognitivos e afetivos, aproveitando a especificidade do museu". Mas afinal de contas no que consiste a Educação Patrimonial para Almeida?

Pautando-se em Evelina Grunberg e Vera Alencar, Almeida define educação patrimonial como o ensino centrado nos bens culturais, tendo-os como fonte primária de ensino, que objetiva colocar o museu como parte da vida comunitária, se constituindo como local onde se preserva a memória cultural e se educa permanentemente (ALMEIDA, 1997. p. 54).

Almeida afirma que, metodologicamente, a Educação Patrimonial propõe três etapas:

- Identificação do bem cultural (observação e análise): pode ser feita por exercícios de comparação, memória, questionamento, utilizando e desenvolvendo os sentidos através da observação e análise de materiais, dimensões, formas, elementos, cores, texturas, organização, usos, funções, valores, relações, espaços, movimentos, etc;

- Registro do bem cultural (atividades de registro da identificação): são buscadas todas as informações materiais e simbólicas, históricas e culturais a respeito do objeto de estudo, através de desenhos, fotografias, pesquisa de campo com pessoas (entrevistas) ou em documentos (arquivos e bibliotecas, jornais etc);
- Valorização e resgate (interpretação e comunicação do observado e registrado): pode se dar por meio de exposições, dramatizações, elaboração de textos, livros, poesias, jornais e atividades de recreação e lazer (ALMEIDA, 1997. p. 55).

Segundo a pesquisadora, a proposta de Educação Patrimonial prevê a percepção/observação, motivação, memória e emoção (ALMEIDA, 1997. p. 54) que podem ser exercitados da seguinte forma:

> A observação pode ser exercitada através de desafios e jogos, aguçando principalmente a visão, mas quando possível também os outros sentidos. A motivação pode ser dada pelo estímulo à imaginação, no caso de crianças, e por outros estímulos para visitantes mais velhos. A memória é fundamental para que se registre a experiência vivida e se estabeleçam relações com experiências do passado. A emoção permite o envolvimento do educando, principalmente no caso das crianças, criando vínculos afetivos ao processo de aprendizagem (ALMEIDA, 1997, p. 54-55).

Para a autora, a educação em museus visa à preservação do patrimônio cultural e natural, através da participação crítica de toda a população (ALMEIDA, 1997, p. 54). Desta forma, a ação educativa em museus, parte integrante dos processos de comunicação museológica, tem por objetivo "ampliar as possibilidades de aproveitamento pedagógico dos acervos, para que o visitante acentue seu espírito crítico em relação a sua realidade e daqueles que estão à sua volta" (ALMEIDA, 1997, p. 50). Por conseguinte, defende a autora, que compete aos educadores dos museus criar formas de orientar os professores para que eles possam aproveitar ao máximo o potencial pedagógico dos museus (ALMEIDA, 1997, p. 56). Em suas palavras: "as relações entre instituições de ensino formal, como a escola, e de ensino não-formal, como os museus, podem ser muito profícuas, caso seus profissionais de educação (professores e educadores de museus) estabeleçam canais de comunicação para troca de programas de ação educativa" (ALMEIDA, 1997, p. 55).

Almeida considera, portanto, que através da ação educativa para escolares, o museu "pode cumprir a sua função de comunicação para 'fins de educação e lazer', criar uma relação de simpatia (afetiva) entre o público e o museu, além de levar esses visitantes a estabelecer uma

postura de reconhecimento e preservação do patrimônio" (ALMEIDA, 1997, p. 56). Mas alerta que devemos estar atentos "para não valorizarmos demais os currículos escolares e os procedimentos da escola, para não escolarizarmos os museus" (ALMEIDA, 1997, p. 56).

Em 1999 foi publicado o Guia Básico de Educação Patrimonial pelo IPHAN, de autoria de Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro, que encontramos bastante ecos de suas propostas ainda hoje nas atividades educativas desenvolvidas em contexto museológico. No Guia as autoras afirmam que:

> A Educação Patrimonial é instrumento de "alfabetização cultural" que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o a compreensão do universo sócio cultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e a comunidade, a valorização da cultura brasileira, compreendido como múltipla e plural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 2000, p. 6).

Para as autoras a Educação Patrimonial busca "levar as crianças e os adultos a um processo ativo de conhecimento, aproximação e valorização de sua herança cultural" (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 2000. p. 6). As autoras consideram que a metodologia da Educação Patrimonial "pode ser aplicada em tudo e á tudo que o homem mantém relações, diretas ou não, por isso ela é necessária e deve estar presente na vida do indivíduo para que ele se 'alfabetize culturalmente'." (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 2000, p. 6).

Contudo, tal Guia tem sido objeto de revisão e novas análises críticas são feitas, tal como a que Demarchi realiza em seu artigo "O que é, afinal, a educação patrimonial?". Nele o autor defende que:

> "a educação patrimonial é uma ação educativa que pode se utilizar de várias metodologias. O educador precisa ter consciência de quais são suas concepções sobre educação, patrimônio e cultura para que, assim, não adote métodos contrários às suas convicções. nesse sentido, o Guia não deve ser descartado, mas lido e apropriado criticamente. Há muitas sugestões importantes que devem balizar as ações educativas, tais como as concepções de cultura e a de que a educação patrimonial deve ser uma prática que permita a análise crítica do patrimônio. mas é preciso pô- las em prática. Afinal, como demonstrado a partir da leitura do Guia, esses conceitos não são praticados, pois as quatro etapas metodológicas definidas não o permitem. Com isso, espera-se que novas análises sejam desenvolvidas para que desvelem os conceitos e as concepções utilizados pelo Guia e que fundamentam a sua proposta de educação patrimonial" (DEMARCHI, 2018, p. 159-160).

Para compreendermos com os pressupostos da educação em museus são levados em consideração na perspectiva da educação patrimonial nos museus de arte sacra pesquisados, a seguir apresentaremos os projetos "Educar em Conjunto" e "Descobrindo Embu no Museu".

3.1 Projeto Educar Em Conjunto – Museu De Arte Sacra De São Paulo

O Museu de Arte Sacra de São Paulo é gerido pela organização social SAMAS, entidade criada em 18/05/1992, qualificada em 07/05/2007 e que teve seu primeiro contrato de gestão em 01/07/2007. Em seu regimento interno, a SAMAS se apresenta como associação civil sem fins lucrativos que tem finalidade de natureza cultural:

> A SAMAS tem finalidade de natureza cultural, consubstanciada na colaboração técnica, material e financeira, visando à preservação, conservação e difusão do acervo e das atividades do Museu de Arte Sacra de São Paulo, localizado na cidade de São Paulo (SAMAS, Regimento Interno, Capítulo 1, artigo 2º, p. 2).

A SAMAS afirma que cabe a ela realizar as seguintes ações:

- Dar apoio integral e fornecer recursos, materiais ou não, às atividades do Museu de Arte Sacra de São Paulo, assim como ao seu desenvolvimento e intensificação das suas atividades;
- Colaborar na captação de recursos financeiros ou contribuições para a implantação e execução de programas e projetos empreendidos pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo;
- Ceder funcionários, autônomos ou prestadores de serviços ao Museu de Arte Sacra de São Paulo;
- Intermediar a recepção de objetos museológicos, documentação textual, audiovisual e iconográfica para incorporação ao acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo, assim como bens e valores que venham a beneficiar esta instituição;
- Aplicar no Museu de Arte Sacra de São Paulo recursos financeiros advindos de doações, por ela recebidas para essa finalidade;
- Realizar parcerias, celebrar convênios, contratos, outros ajustes e desenvolver projetos apoiados por incentivos fiscais e programas de incentivo à cultura, governamentais ou privados no Brasil e no Exterior;
- Instalar, explorar ou celebrar contratos de instalação e exploração por terceiros de cafés, restaurantes e lojas, estacionamentos, locar espaços destinados à palestras, seminários, simpósios, convenções e produção de vídeo e cinema desde que tenham como finalidade o apoio e melhoria das atividades do Museu de Arte Sacra de São Paulo.

- Empreender as ações necessárias para a preservação da identidade histórico-cultural do Museu de Arte Sacra de São Paulo;
- Editar, publicar, distribuir e comercializar publicações histórico-culturais com a finalidade de divulgar o acervo e as atividades do Museu de Arte Sacra de São Paulo;
- Produzir e comercializar produtos com a marca do Museu de Arte Sacra de São Paulo ou licenciar a marca do mesmo para a produção e comercialização de produtos por terceiros;
- Receber contribuições de seus associados, auxílios, subvenções, doações, legados, cobrança e ingressos verbas advindas de contratos, termos de parceria e repasses públicos;
- Prestar serviços de assistência técnica, celebrar acordos operacionais ou outra forma de ajuste, com instituições públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras no campo da pesquisa, elaboração, avaliação e implantação de projetos;
- Promover o treinamento, a capacitação profissional e a especialização técnica e científica de recursos humanos necessários ao desenvolvimento das atividades do Museu de Arte Sacra de São Paulo;
- Mobilizar funcionários, visitantes e a comunidade de modo geral para conservação e proteção do patrimônio arquitetônico, do mobiliário e do acervo documental do Museu de Arte Sacra de São Paulo;
- Estimular as produções histórico-culturais da comunidade em geral que visem difundir a história da arte sacra no Estado de São Paulo (SAMAS, Regimento Interno, Capítulo 1, artigo 3º, p. 2-3).

Desta forma, compõe a gestão do Museu de Arte Sacra de São Paulo por meio da SAMAS: o diretor executivo José Carlos Marçal de Barros, Maria Inês Lopes Coutinho como diretora técnica e Luiz Henrique Marcon Neves como diretor de planejamento e gestão. A AçãoEducativa é composta por onze educadores, entre eles, Vanessa Costa Ribeiro (coordenadora) e Fábio Santana Silva (supervisor).

A Ação Educativa possui duas salas para o desenvolvimento de atividades. Em uma delas de acesso restrito aos educadores possui computadores, mesas e telefone para realização de trabalhos administrativos, tais como agendamento de escolas, escrita de projetos e relatórios e produção de conteúdo digital que é disponibilizado nas redes sociais do museu (Facebook,

Instagram e Twitter). A outra sala, inaugurada em 2014 fica no jardim do museu ao lado da sala que funciona como espaço para o desenvolvimento de cursos pagos[7]. Esta sala, ao contrário da primeira, é de acesso do público visitante, desde que esteja realizando uma atividade em grupo mediada pela Ação Educativa, tal como encontros para professores, encontro de guias de turismo e visitas escolares.

Figura 2: Escola Estadual Prudente de Morais realizando o roteiro "Festas Populares", 2015.

Fonte: Ação Educativa do Museu de Arte Sacra de São Paulo, 2015.

Em seu Plano Educativo 2018 a Ação Educativa estabelece seus princípios norteadores e apresenta seus programas. O documento inicia da seguinte forma:

[7] No Museu de Arte Sacra de São Paulo há a oferta de cursos livres e viagens, que são quase em sua totalidade pagos, contando apenas com algumas palestras gratuitas que servem como meio de divulgação destes cursos. Porém tais palestras não são organizadas pela Ação Educativa do museu e sim pelo setor de cursos. Os educadores da Ação Educativa são responsáveis pelo desenvolvimento de programação gratuita.

> A Ação Educativa, desde sua formação em 2007, preocupa-se com o desenvolvimento de atividades, projetos e programas com o intuito de sensibilizar os visitantes para uma maior interação com o acervo. Ciente da pluralidade do público, objetiva o desenvolvimento de uma educação do olhar para o objeto por meio de ações inclusivas que estimulem a percepção do mundo de maneira lúdica, crítica e reflexiva (Plano de Ação Educativa, MAS, 2018, p. 1).

Na sequência, são apresentados cinco princípios norteadores da Ação Educativa, que são eles: educação do olhar para o objeto, experiência interativa, alteridade, acessibilidade atitudinal e ludicidade. Tais princípios se expressam em seis estratégias estruturantes da Ação Educativa: estratégias de mediação, produção de materiais educativos, pesquisa de público, recursos tecnológicos e formação continuada da equipe (Plano de Ação Educativa, MAS, 2018, p. 2).

De acordo com o Plano Educativo de 2018 as Estratégias de Mediação "são organizadas a partir de programas, projetos e atividades que exploram a pluralidade do acervo, partindo sempre do conceito da alteridade do visitante a fim de estabelecer um diálogo possível e prazeroso com o Museu e suas coleções" (Plano de Ação Educativa, MAS, 2018, p. 3). Compõe as estratégias de mediação seis programas que apresentaremos de forma sintetizada:

I - Programa de Orientação ao Professor: organiza encontros com diferentes abordagens do acervo para incentivar os professores a explorar o museu. No último sábado do mês durante meses letivos são realizados encontros gratuitos para professores e visitas integradas em parceria com outras instituições culturais (entre elas, o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas);

II - Programa de Orientação ao Profissional do Turismo: tem por intuito apresentar o acervo aos profissionais que atuam no segmento do turismo (estudantes da área, profissionais de agências e guias cadastrados no CADASTUR), buscando estimular esses profissionais a trazerem grupos para realizar visitas ao museu e realizar roteiros que estabeleçam conexões entre o MAS e outros equipamentos culturais situados na região central de São Paulo. Os encontros são realizados na terceira quinta-feira do mês, possui duração de quatro horas e tem quatro edições anuais que são ofertadas, alternando-se em período matutino e vespertino.

III - Programa Laboratório de Experiências Educativas: realiza roteiros e oficinas para o público escolar visitante através de agendamentos ou de instituições escolares parceiras que realizam ações continuadas com o museu.

IV - Programa Interessante e Interativo: desenvolve ações lúdicas e reflexivas a partir do acervo do MAS destinado às famílias e aos visitantes espontâneos, realizando também ações extramuros a fim de apresentar o espaço do museu como um lugar de encontro, trabalho conjunto e

trocas.

V - Programa de Inclusão Sociocultural: realiza ações e projetos com instituições que atuam junto aos públicos em situação de vulnerabilidade social (como albergues, centros de convivência, entre outros) tendo por objetivo propiciar a estes grupos que normalmente não frequentam espaços públicos de cultura a oportunidade de conhecer novos lugares e conversar sobre temas pertinentes ao cotidiano a partir da observação do acervo do MAS.

VI - Programa de Acessibilidade: produz materiais táteis, desenhos em relevo de fundo e figura com alto contraste, materiais em braille e mobiliário conforme orientações da ABNT NBR 9050, buscando organizar uma série de ações que garantam acessibilidade comunicacional, metodológica e atitudinal, tornando os códigos do espaço museológico acessíveis para pessoas com deficiência ou não. Realiza visitas mediadas, contação de histórias, cursos e oficinas para professores que tratam de temáticas ligadas à arte-educação e inclusão.

O Projeto Educar em Conjunto se insere no Programa Laboratório de Experiências Educativas do Museu de Arte Sacra e é organizado por meio de parcerias com instituições de ensino do entorno ou próximas da malha metroviária/ferroviária com o intuito de explorar as potencialidades pedagógicas do acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo junto aos grupos de professores e alunos a partir de ações educativas continuadas.

O Projeto Educar em Conjunto está estruturado em quatro fases:

- **Fase 1:** é realizada uma visita da equipe de educadores do Museu à escola parceira com o objetivo de sensibilizar e apresentar à direção e ao corpo de professores o potencial do trabalho com os educandos a partir do acervo do MAS;
- **Fase 2:** o corpo de professores realiza visitas ao Museu de Arte Sacra a fim de conhecer o espaço expositivo e traçar estratégias de ação conjunta entre as instituições. Ainda nesta etapa é prevista a realização de encontros para professores que contemplem as temáticas definidas para a organização de atividades sistemáticas junto aos educandos;
- **Fase 3:** os alunos realizam visitas mediadas ao Museu que contemplam estratégias lúdicas tais quais: oficinas, contação de histórias e prática de jogos. Também nesta fase, prevê-se a realização de ações extramuros no espaço da escola parceira. Tais ações podem anteceder a visita a fim de preparar os educandos para os conteúdos que serão desenvolvidos no Museu e em sala de aula pelos professores ou organizadas após a visita a fim de retomar e

sintetizar as descobertas realizadas no espaço do Museu e da Chácara Conventual que o abriga;

- **Fase 4:** é feita a avaliação das demais etapas pelo grupo de professores e educandos participantes do programa. A avaliação é fundamental para que se estabeleça uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido, além de subsidiar argumentos para ações futuras (PLANO EDUCATIVO MAS, 2018, p. 4-5).

De acordo com Vanessa Costa Ribeiro, coordenadora da Ação Educativa no MAS, "a consolidação do projeto, iniciado no ano de 2014, demonstra seu desdobramento para além da relação Museu-Escola, isto é, identificamos alunos que passaram a frequentar as atividades gratuitas oferecidas aos finais de semana com seus pais, já que moradores do entorno do complexo do Mosteiro da Luz" (Plano de Ação Educativa, MAS, 2018, p. 5).

Como nasceu este projeto? Segundo o Relatório de Atividades do 4º Trimestre de 2017 da SAMAS, o Projeto Educar em Conjunto foi criado com o intuito de minimizar os impactos gerados pela supressão de duas políticas públicas: o Programa Cultura é Currículo e o Programa Recreio nas Férias. O relatório informa no que consistiam estes programas:

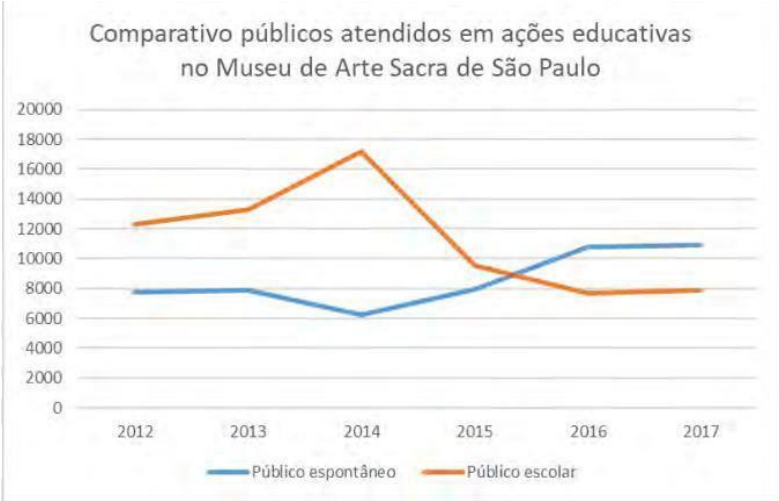
> Cabe mencionar que o Programa Cultura é Currículo, que subsidiava o transporte e o lanche para que alunos da rede estadual de Educação frequentassem instituições culturais foi encerrado no ano de 2015, momento em que há uma paridade no número do público escolar e do público espontâneo atendidos em visitas educativas no Museu de Arte Sacra. Já o Programa Recreio nas Férias, que ofertava o transporte para que os alunos dos Centro de Educação Unificados da Prefeitura visitassem instituições culturais nos meses de férias escolares, teve seu fim no ano de 2017 (SAMAS, Relatório de Atividades - 4º Trimestre de 2017, p. 13).

Desta forma, com os agendamento de alunos das redes municipais e estaduais impactado pelos cortes nos programas, o Projeto Educar em Conjunto surgiu com uma proposta de diálogo com estudantes de escolas do entorno, com especial atenção às escolas públicas, uma vez que são estas as que encontram maiores dificuldades de deslocar os alunos ao museu, pois a despesa com transporte se torna uma das barreiras encontradas.

> Com o intuito de minimizar os impactos gerados pela supressão dessas políticas, criou-se o Projeto Educar em Conjunto por meio do qual os educadores do Museu de Arte Sacra realizam ações educativas continuadas com escolas localizadas em seu entorno. No ano de 2017 esse projeto estendeu-se também para professores e educadores participantes de cursos e ações educativas no museu que manifestaram interesse em realizar ações sistemáticas com o intuito de qualificar a experiência educativa promovida a partir do contato com o acervo salvaguardado ora por meio da realização de ações extramuros que envolvem a comunidade escolar ora a partir de visitas temáticas no próprio espaço do museu, desenvolvidas especialmente em razão das parcerias firmadas com as unidades de ensino (SAMAS, Relatório de Atividades - 4º Trimestre de 2017, p. 13).

O Relatório de Atividades do 4º Trimestre de 2017, apresenta um gráfico que demonstra qual foi o impacto da interrupção dos programas Cultura é Currículo e Recreio nas Férias. Tal gráfico reproduzimos a seguir:

Gráfico 2: Comparativo públicos atendidos em ações educativas no Museu de Arte Sacra de São Paulo



Fonte: Ação Educativa Museu de Arte Sacra de São Paulo, 2017.

A partir do ano de 2016 percebemos uma nítida inversão do público visitante. Pela primeira vez, neste intervalo de tempo, o público espontâneo passou a ser maior que o escolar. Sobre isso o relatório afirma:

> Tal dado leva-nos à uma reflexão sobre os fatores que explicam essa inversão já que impacta diretamente na concepção do projeto educativo do museu. No que tange ao público escolar é importante salientar que a descontinuidade de políticas públicas promovidas pelas secretarias estadual e municipal de Educação e Cultura trata-se do principal fator para a redução significativa desse público (Relatório de Atividades - 4º Trimestre de 2017, p. 13).

O problema da descontinuidade de políticas públicas das secretarias de Educação e Cultura, já era apontado no relatório de atividades do ano anterior. No documento, o Museu de Arte Sacra de São Paulo pontuava que:

> a realização de parcerias com escolas do entorno em razão do Projeto Educar em Conjunto, desenvolvido pela Ação Educativa, a partir do qual são realizadas ações continuadas com os professores e estudantes do entorno asseguraram a alta representatividade de estudantes da rede pública no total anual de atendimentos, além é claro da manutenção da política pública municipal de visitação dos estudantes desta rede nos períodos de férias escolares por meio do Programa Recreio nas Férias. Por outro lado, essas ações jamais terão o alcance e a dimensão propiciada por uma política pública estadual continuada, basta verificarmos, por exemplo, que só a quantidade de estudantes atendidos enquanto parte do Programa Cultura é Currículo no ano de 2014 (9.365), supera o público total de estudantes recebido neste ano em 18% (Relatório de Atividades - 4º Trimestre de 2016, p. 14).

Em 2017, afirma o relatório, que o Projeto Educar em Conjunto se estendeu também para "professores e educadores participantes de cursos e ações educativas no museu que manifestaram interesse em realizar ações sistemáticas com o intuito de qualificar a experiência educativa promovida a partir do contato com o acervo salvaguardado"(Relatório de Atividades

4º Trimestre de 2017, p. 13). De acordo com o relatório, tais ações se deram no espaço da escola, quando educadores do museu se deslocavam até as unidades de ensino, e também por meio visitas temáticas no próprio espaço do museu (Idem).

Uma das parcerias realizadas por meio do Projeto Educar em Conjunto foi com a Escola Estadual Prudente de Morais. Para os alunos das séries iniciais de ensino fundamental I (1º a 5º ano), roteiros de visitação foram produzidos levando em consideração os objetivos de aprendizagem previstos para cada ano escolar:

- **1º ano - Roteiro "Coleções":** propõe apresentar ao educando o universo dos museus a partir do ato de colecionar. valendo-se da ideia de que todos colecionam algo e para tal se valem de uma série de cuidados. As ideias de cores, estabelecimento de conjuntos e raciocínio matemático buscam ser estimuladas durante a visita a partir de atividades lúdicas.
- **2º ano - Roteiro "Território":** propõe evidenciar as relações entre o edifício do Mosteiro da Luz, construído em taipa de pilão durante o período colonial em que está instalado o museu, e o processo de transformação da região central da cidade de São Paulo. As noções de temporalidade, espacialidade e materialidade buscam ser estimuladas durante a visita de maneira lúdica a fim de que o educando compreenda e localize sua escola e sua casa dentro do território da

cidade.

- **3º ano - Roteiro "Sonoridades":** propõe uma reflexão sobre o som e a sua ausência seja quando nos deparamos com os objetos expostos no Museu de Arte Sacra ou com os ruídos produzidos na cidade. Desta forma, busca-se estimular no educando para além do sentido da visão, tradicionalmente explorado nas visitas às exposições, o sentido da audição estabelecendo relações com seu cotidiano.
- **4º ano - Roteiro "Festas Populares":** apresenta as festas populares, celebradas sobretudo no mês de junho, organizadas a partir da devoção às esculturas, prática remanescente da tradição colonial portuguesa. Propõe-se a partir da observação de tais esculturas, hoje salvaguardadas no Museu de Arte Sacra de São Paulo, e da realização de atividades lúdicas uma reflexão sobre a organização de festas populares bem como de suas transformações na contemporaneidade a fim de que o

educando compreenda o binômio transformação-permanência e a festa enquanto espaço de convivência de grupos sociais distintos.

- **5º ano - Roteiro "Patrimônio e Cidade":** propõe evidenciar as relações entre o edifício do Mosteiro da Luz, prédio construído em taipa de pilão durante o período colonial em que está instalado o museu, e o processo de transformação da região central da cidade de São Paulo. Neste sentido, buscam ser explorados os objetos do acervo que sejam indícios de ocupações passadas da urbe bem como de grupos sociais que se amalgamaram no processo de sua construção. A ideia é explorar o conceito de patrimônio cultural e em que medida o Museu e os agentes envolvidos em sua criação corroboram para sua difusão. As noções de temporalidade, espacialidade e materialidade buscam ser estimuladas durante a visita, de maneira participativa, a fim de que o educando compreenda seu papel no processo de construção da cidadania e identidade (Roteiros de visitas temáticas – Ensino Fundamental Ciclo I, MAS, s/d, n.p).

As ações realizadas tanto no espaço do Museu como da Escola, em 2017 representou 18% do total do público escolar atendido. Ainda assim, de acordo com o relatório de atividades do 4º trimestre de 2017, a tendência de equiparação das visitas educativas realizadas para estudantes de escolas públicas e particulares vigorou nesse ano, de forma que do público escolar recebido em 2017, os de escola pública representaram 55% do total de visitantes e os de escolas particulares 45% (Relatório de Atividades - 4º Trimestre de 2017, p. 13).

Gráfico 3 - Comparativo públicos atendidos em ações educativas no Museu de Arte Sacra de São Paulo

Fonte: Ação Educativa Museu de Arte Sacra de São Paulo, 2017.

Desta forma, vemos que a Ação Educativa do Museu de Arte Sacra de São Paulo estruturada a partir de 2007 com a organização social SAMAS, tem produzido constantemente informações a respeito do andamento das políticas públicas que envolvem diretamente o espaço museológico do qual ela realiza a gestão. Tais informações estão contidas nos relatórios trimestrais da SAMAS e podem ser acessadas facilmente pelo site da instituição[8]. Contudo, a partir dos relatórios consultados, percebemos que por mais que a Ação Educativa do Museu de Arte Sacra venha produzindo instrumentos de registro e avaliação de suas ações e tornado público a consulta a tais documentos, o poder público municipal e estadual pouco fizeram para reverter os efeitos das descontinuidades de suas políticas públicas, sobretudo dos programas responsáveis por viabilizar o transporte de alunos da rede pública para o museu. Com isso constatamos que o poder público em São Paulo tem agido de forma a intensificar as desigualdades educacionais existentes entre o ensino público e o ensino da rede particular, ao reduzir drasticamente o acesso de seus estudantes aos museus da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.

3.2 Projeto Descobrindo Embu no Museu – Museu de Arte Sacra dos Jesuítas

A ação educativa do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas foi estruturada a partir de 2004.

[8] Disponível em: http://www.museuartesacra.org.br/pt/museu/downloads. Acesso em 12 de outubro de 2018.

Atualmente, ela é composta por dois educadores, sendo um deles estagiário. O museu tem como diretor o padre jesuíta Carlos Alberto Contieri[9] e a coordenação está sob responsabilidade de Angélica Brito Silva.

Para o desenvolvimento das atividades, a Ação Educativa possui três salas. Uma delas é de acesso exclusivo dos educadores do museu. Tal sala está equipada com computadores, mesas e telefone para realização de trabalhos administrativos, tais como agendamento de escolas, escrita de projetos e relatórios. As outras duas são utilizadas para realizar atividades programadas para professores, alunos e demais participantes inscritos em ações conduzidas pelos educadores do museu, isto é, o público espontâneo não tem acesso a estes ambientes.

Figura 3: Encontro Pedagógico de Formação de 2012 do Projeto Descobrindo Embu no Museu, 2012

Fonte: Acervo Fotográfico do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, 2012.

Recentemente Angélica Brito Silva (coordenadora do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas) e Eron Matheus Bitencourt (educador deste mesmo museu) escreveram um artigo na publicação eletrônica científica da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas chamada Educação Temática Digital (ETD). Neste artigo, Silva e Bitencourt discorrem sobre o desenvolvimento, aplicação, resultados, avanços e desafios que surgiram ao longo de uma década de existência do Projeto Descobrindo Embu no Museu (2007-2017). De acordo com os autores:

[9] Além de dirigir o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, em Embu das Artes, Padre Contieri é diretor do Pateo do Collegio e reitor do Colégio São Luís, ambos situados na capital paulista. Contieri (1962-) é natural de Valinhos (SP) e foi ordenado presbítero em 1993. É graduado em Filosofia e pós-graduado em Exegese Bíblica. Em maio de 2017 concedeu uma entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo* intitulada "O jesuíta número 1 do marco zero de São Paulo", de autoria de Edison Veiga em 21/05/2017. A entrevista está disponível em: https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,o-jesuita-numero-1-do-marco-zero-de-sp,70001800241. Acesso em 12 de outubro de 2018.

> A cidade de Embu das Artes, localizada na parte oeste da região metropolitana de São Paulo, à semelhança de outros municípios, também sofreu com o crescimento desordenado e intensos fluxos migratórios, configurando regiões densamente povoadas, carentes em diversos aspectos, sobretudo nos bairros mais afastados do centro. Caracterizada por muitos enquanto uma cidade dormitório, Embu ainda sofre com a divisão física e simbólica provocada pela Rodovia Federal Régis Bittencourt, que corta o município ao meio (SILVA; BITENCOURT, 2018, p. 587).

Os educadores afirmam que eram perceptíveis os diversos contrastes em Embu das Artes, principalmente pela diferenciação que os moradores faziam entre a Embu central e a periférica, sendo esta última onde a maior parte da população habita (SILVA; BITENCOURT, 2018, p. 588). Desta forma, Silva e Bitencourt afirmam que Embu das Artes: "conhecida internacionalmente por sua tradicional Feira de Artes e Artesanato (1969), escondia diversos contrastes, dentre eles o desconhecimento e a falta de acesso à história e patrimônio locais por grande parte de seus habitantes" (SILVA; BITENCOURT, 2018, p. 588).

Para Angélica e Eron, se o museu não se comunica com seu público, ele se torna um local frio e distante do cotidiano das pessoas. Portanto afirmam os educadores que com a consolidação do entendimento do papel social educativo dos museus, estes buscam estabelecer parcerias com as escolas, devido a grande capilaridade delas na sociedade, tornando-se assim parceiros (SILVA; BITENCOURT, 2018, p. 590).

Desta forma, Silva e Bitencourt dizem que

> "há uma latente diferença em relação à apropriação dos bens culturais decorrente das formações sócio-econômicas individuais. Assim, ao buscarmos difundir o museu junto aos alunos da rede pública de ensino, contribuímos para a formação deste público no sentido da apropriação dos espaços museológicos" (SILVA; BITENCOURT, 2018, p. 598).

Mas ambos pontuam que é fundamental para que a parceria entre museu e escola dê bons frutos: "o estabelecimento de estratégias que permitam o encontro entre as práticas pedagógicas da escola e do museu, ou seja, do ensino formal e não formal, respectivamente" (SILVA; BITENCOURT, 2018, p. 590).

Neste contexto, segundo os educadores, a visita ao museu deve passar por três etapas: a preparação dos alunos, a visita propriamente dita e os desdobramentos em sala de aula (SILVA; BITENCOURT, 2018, p. 591). Pois para eles é necessário um trabalho em conjunto entre os educadores do museu e os professores: "é essencial que o professor prepare os estudantes para a visita, o que vai além de simplesmente explicar a etiqueta ou as regras de comportamento

(SILVA; BITENCOURT, p. 591).

Pautado no modelo proposto por Allard e Boucher de desenvolvimento de visita a museus, o projeto Descobrindo Embu no Museu foi pensado originalmente para atender a tais prerrogativas:

divulgação, formação (Encontro Pedagógico de Formação), projeto (em sala de aula) e visita dos alunos. Com o amadurecimento da ação, incluímos ao longo do percurso uma quinta etapa: o encontro de encerramento para avaliação conjunta com os professores acerca de todo o processo (SILVA; BITENCOURT, 2018, p. 591).

Para os educadores Angélica e Eron do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas: é importante permitir que os alunos exponham suas opiniões, estimulando assim sua participação ativa, tornando a visita mais inclusiva, compreensível e marcante. Desse modo, é recomendável que se restrinja os longos momentos expositivos, evitando a sobrecarga de informações, para além de conciliar os momentos expositivos com atividades descontraídas, de caráter mais lúdico, incluindo jogos ou brincadeiras educativas, por exemplo (SILVA; BITENCOURT, 2018, p. 589).

Os professores participam de um encontro de três dias com o setor educativo do Museu sobre temas como patrimônio cultural, história do prédio do museu e fundação da cidade. Ao término, os participantes são preparados para elaborar uma sequência pedagógica que culmine numa visita ao museu. O transporte é fornecido pela Secretaria Municipal de Educação de Embu das Artes, mediante a entrega do projeto escrito pelo professor e encaminhado à Secretaria Municipal de Educação por intermédio da equipe do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas.

Para receber a certificação de 40 horas pelo Museu, os professores devem entregar um

portfólio descrevendo o trabalho realizado em sala de aula e os impactos da visita para os estudantes, anexando atividades e fotos. Os portfólios são arquivados pelo Setor Educativo do MASJ.

Para a realização do presente projeto de pesquisa foram consultados 28 portfólios de professores. Estes nunca haviam sido estudados academicamente antes, de acordo com a coordenadora do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas Angélica Brito. Desta forma, os dados que serão apresentados a seguir abrirão caminhos de pesquisa sobre as práticas integradas de educação patrimonial entre o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas e as Escolas Públicas da Cidade de Embu das Artes.

Dos vinte e oito portfólios consultados, 23 possuem data de produção e em 5 não constava informações relativas ao ano de sua realização. Do total de portfólios que constam data, elas vão

do ano de 2013 a 2017. É necessário ressaltar que o número de portfólios do Setor Educativo do MASJ cresce anualmente devido aos novos agendamentos que surgem decorrentes do Projeto Descobrindo Embu no Museu. Portanto, até o fechamento da fase de consulta aos portfólios (fevereiro/2018) para esta pesquisa, tivemos acesso a este número de portfólios e será com base neles que teceremos as considerações a seguir.

Dos portfólios consultados, temos o seguinte quadro:

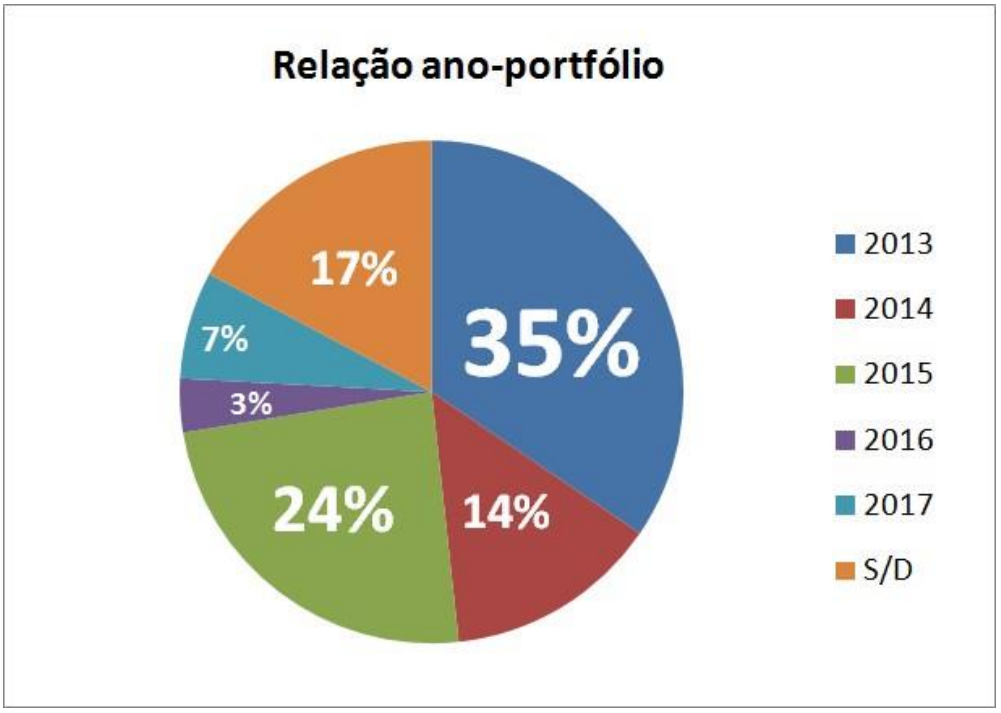
Quadro 1: Relação de portfólio-ano consultados no Museu de Arte Sacra dos Jesuítas

Ano	Quantidade de Portfólios
2013	10
2014*	4
2015*	7
2016	1
2017	2
Sem Data	5
* Há um portfólio datado “2014-2015” que é assinado por vários professores da EM NEI Magali Ave Maria e ao tabelá-lo contabilizamos em ambos anos, isto é, foi contabilizado duas vezes, visto que foi desenvolvido ao longo destes dois anos, segundo o documento.	

Fonte: Próprio autor, 2018.

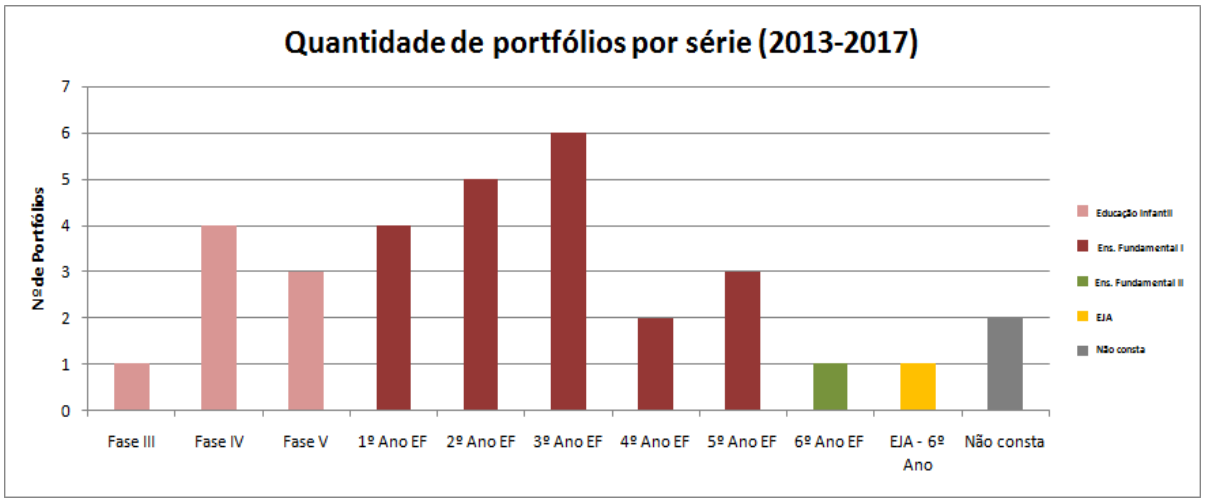
Desta tabela, podemos ter a seguinte visualização gráfica:

Gráfico 4: Relação Ano-Portfólio do Projeto Descobrindo Embu no Museu



Fonte: Próprio autor, 2018.

Gráfico 5: Quantidade de portfólios por série (2013-2017) do Projeto Descobrindo Embu no Museu

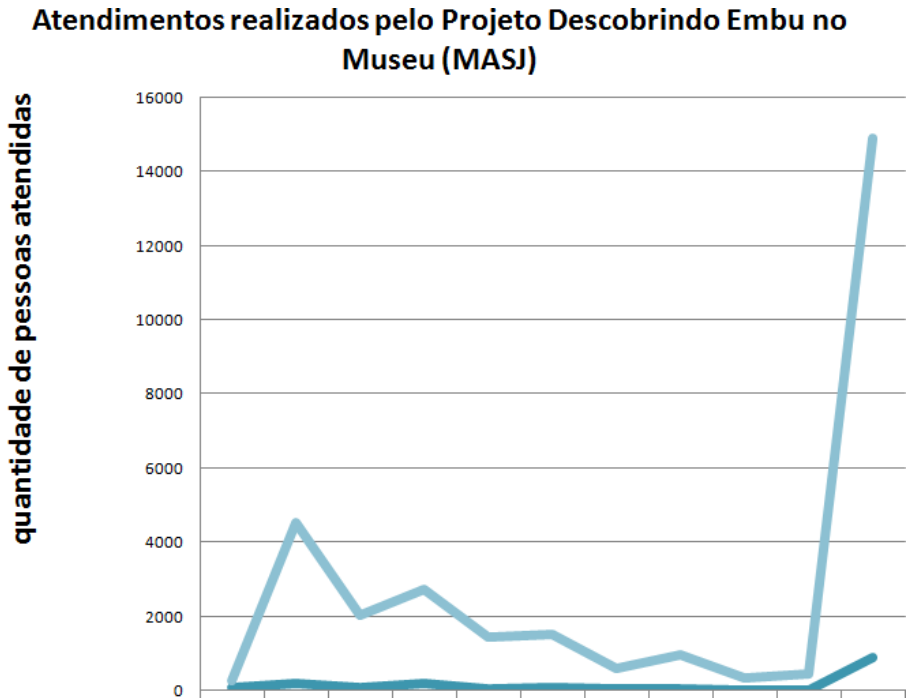


Fonte: Próprio autor, 2018.

Estes 28 portfólios foram produzidos por 63 professores. Destes 63 professores, 61 são mulheres e apenas 2 são homens. É interessante observar que todos os portfólios produzidos por

apenas uma pessoa, nenhum deles é por um homem e sempre por uma mulher. Os professores homens entre 2013 e 2017, levando em conta o universo de amostragem em questão, foram apenas co-autores dos portfólios escritos por professoras. De forma que se conclui que a iniciativa de investir em formação continuada, abrindo mão de fins de semana para participar do Encontro Pedagógico de Formação e posteriormente desenvolver um projeto na escola, conduzir alunos ao museu e produzir um portfólio do trabalho, na cidade de Embu das Artes tem sido uma atividade encabeçada por professoras, mulheres e sobretudo das séries iniciais do ensino fundamental e educação infantil. Esta é uma informação relevante devido ao fato de que se considerarmos a complexidade da sociedade contemporânea, a situação da mulher no mercado de trabalho e a remuneração paga aos profissionais de educação infantil torna-se extremamente necessário ter políticas públicas que incentivem que estas professoras deem continuidade às suas ações, fornecendo melhores condições de remuneração e tempo para planejamento de tais atividades. A responsabilidade e complexidade das atividades desenvolvidas por estas professoras é tamanha, pois elas estão atuando com crianças em fase de alfabetização e se a cidade de Embu das Artes deseja em seu Plano Municipal de Educação, alinhado aos demais planos estadual e nacional, melhorar seus índices de leitura (Meta 7.28) e de fruição e produção cultural (Meta 2.6), deverá implementar em caráter de urgência ações no sentido de fortalecer tais práticas, pois conforme podemos observar no gráfico a seguir a adesão de professores a formação continuada, ao menos no que se refere ao Projeto Descobrindo Embu no Museu, tem havido decréscimo significativo observável sobretudo de 2015 a 2017.

Gráfico 6: Atendimentos realizados pelo Projeto Descobrindo Embu no Museu de 2008 a 2017



	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total
Alunos e professores atendidos em visitas ao museu	166	4361	1950	2552	1398	1440	544	886	312	426	14035
Professores capacitados	104	186	77	192	60	93	59	65	28	19	883

Fonte: Acervo do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas., 2018.

Ao observarmos o quadro acima percebemos que em 2015 foram "capacitados" - termo utilizado pelo Museu de Arte Sacra dos Jesuítas - 65 professores. No ano seguinte, 2016, este número caiu para menos da metade: 28 professores. Isto refletiu não só no número de professores que foram atendidos e que individualmente ganharam um certificado após terem participado de um curso. Este dado teve impacto negativo no potencial de expansão de que este professor "capacitado" pode atingir em sala de aula. Basta observarmos que se em 2015 o número de alunos e professores atendidos em visitas ao Museu de Arte Sacra dos Jesuítas foi de 886 pessoas, no ano de 2016 foram apenas 312 visitantes advindos do Projeto Descobrindo Embu no Museu. O que demonstra que quando o professor deixa de participar de formação continuada o número de alunos impactados por tal ação é enorme.

De acordo com diagnóstico presente no Plano Municipal de Educação de Embu das Artes (Lei nº 2827, de 18 de de junho 2015), publicado em março de 2015, com vigência até 2024, são atendidas 6.714 na educação infantil (p. 5); 19.707 pessoas de 6 a 10 anos nos anos iniciais do ensino fundamental e 16.585 pessoas nos anos finais do ensino fundamental são atendidas no

município (somando os matriculados nas redes estadual, municipal e privada). Do referido plano, destacamos as metas que se relacionam diretamente com Projeto Descobrindo Embu no Museu:

> Meta 2.6: promover a relação das escolas com instituições e movimentos culturais, a fim de garantir a oferta regular de atividades culturais para a livre fruição dos(as) alunos(as) dentro e fora dos espaços escolares, assegurando ainda que as escolas se tornem polos de criação e difusão cultural (Plano Municipal de Educação de Embu das Artes, 2015, p. 7) ;
>
> Meta 5.1: estruturar os processos pedagógicos de alfabetização, nos anos iniciais do ensino fundamental, articulando-os com as estratégias desenvolvidas na pré-escola, com qualificação e valorização dos(as) professores(as) alfabetizadores e com apoio pedagógico específico, a fim de garantir a alfabetização plena de todas as crianças (Plano Municipal de Educação de Embu das Artes, 2015, p. 12);
>
> Meta 5.6: promover e estimular a formação inicial e continuada de professores(as) para a alfabetização de crianças, com o conhecimento de novas tecnologias educacionais e práticas pedagógicas inovadoras, estimulando a articulação entre programas de pós-graduação stricto sensu de instituições de ensino superior públicas e ações de formação continuada de professores(as) para a alfabetização (Plano Municipal de Educação de Embu das Artes, 2015, p. 12);
>
> Meta 6.4: fomentar a articulação da escola com os diferentes espaços educativos, culturais e esportivos e com equipamentos públicos, como centros comunitários, bibliotecas, praças, parques, museus, teatros, cinemas e planetários (Plano Municipal de Educação de Embu das Artes, 2015, p. 13).

Já no Plano Municipal de Cultura de Embu das Artes[10], a palavra “arte sacra” aparece 10 vezes. O Plano publicado em 2012, tem vigência de 2012-2022, e do MASJ é dito que:

> O Museu de Arte Sacra é o grande cartão postal da cidade de Embu das Artes, o conjunto jesuítico com a centenária Igreja de Nossa Senhora do Rosário construída no século XVII com arquitetura em estilo barroco paulista, sedia hoje o Museu e um rico acervo de imagens de anjos, santos e personagens bíblicos entalhados em madeira, modelados em terracota ou em armações de roca, produzidos entre os séculos XVII e XIX (Plano Municipal de Cultura de Embu das Artes, 2012, p. 34).

Ao lado do Museu do Índio, do Instituto Portucale e do Teatro Popular Solano Trindade, o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas é considerado como uma das “importantes instituições não governamentais presentes na cidade” (Plano Municipal de Cultura de Embu das Artes, 2012, p. 34). Sendo que aparece como uma demanda o: “Estreitamento de relações com os Jesuítas, que mantém nosso Museu de Arte Sacra e o Convento dos Jesuítas e proposta de parcerias com a UNIFESP para pesquisa, estudo e preservação do Museu – PE 5 /3.2” (Plano Municipal de

[10] Disponível em: http://embudasartes.sp.gov.br/e-gov/public/arquivos/2012/06/Plano%20Municipal%20de%20Cultura%20de%20Embu%20das%20Artes.pdf. Acesso em 12 de outubro de 2018.

Cultura de Embu das Artes, 2012, p. 47).

No Plano, a cidade de Embu das Artes, se mostra interessada na "recuperação do passado Jesuítico de Embu das Artes para ensino nas Escolas Municipais (Memória da doadora das terras de Embu, Catarina Camacha) – PE 2 /4 "(Plano Municipal de Cultura de Embu das Artes, 2012, p. 47) e se compromete com a "criação de um Sistema de Museus: Museu da Cidade, Museu da Pessoa de Embu, Museu da Palavra, da Imagem e do Som, integrando o Memorial Sakai e instituições privadas como o Museu de Arte Sacra, Museu do Índio e Instituto Portucale – PE 5 /1.2" (Plano Municipal de Cultura de Embu das Artes, 2012, p. 47).

Sobre esta aproximação entre a UNIFESP e o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas é retomado mais adiante no texto deste documento como Programa Estratégico:

> 3.2 Elaborar um projeto específico em parceria com os gestores do Museu de Arte Sacra e do Convento dos Jesuítas, envolvendo a Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, para pesquisa, estudo e preservação do principal conjunto arquitetônico histórico da cidade de Embu das Artes". (Plano Municipal de Cultura de Embu das Artes, 2012, p. 74)

Além disso, o Plano Municipal de Cultura de Embu das Artes, propõe um Programa Pedagógico nas Escolas Públicas:

> 4.1 Incluir no Currículo Básico da Educação Municipal, como Disciplina Obrigatória um programa pedagógico de resgate e divulgação da história de Embu das Artes com produção bibliográfica e audiovisual de sua história e cultura, considerando a pluralidade cultural e histórica (grupos étnicos, sociais, políticos, religiosos e gêneros (Plano Municipal de Cultura de Embu das Artes, 2012, p. 61).

O documento também apresenta a sua proposta de educação patrimonial da seguinte forma:

> EDUCAÇÃO PATRIMONIAL
> Implantar um Programa Municipal de Educação Patrimonial, desenvolvendo uma política socioeducativa, cultural e ambiental para a cidade de Embu das Artes, possibilitando a sensibilização, formação, acesso e fruição aos bens culturais e patrimoniais (treinamento de professores; palestras e seminários; visitas públicas – roteiros e circuitos históricos e publicações específicas). Trabalhar, em especial, com a população, buscando sensibilizá-la para a importância da despoluição e preservação do meio ambiente, dos rios e mananciais, valorizando-os como paisagem cultural da cidade.
>
> Implantar campanha de sensibilização direcionada ao expositor e ao turista, ao redor da Feira de Embu das Artes para a conscientização sobre a limpeza pública, com ações afirmativas correlatas e decorrentes.
>
> Integrar a História de Embu no Currículo Básico da Educação Municipal, como disciplina obrigatória e desenvolvendo a capacitação dos professores da rede" (Plano Municipal de Cultura de Embu das Artes, 2012, p. 75)

Além disso sobre o Centro Histórico o plano afirma que irá:

> Proteger para qualificação da ambiência urbana, turística, histórica e patrimonial, uma vez que o centro histórico, por ter sido uma antiga aldeia jesuítica, possui em uma área determinada como Poligonal do Centro Histórico, um conjunto de imóveis tombados considerados como patrimônio artístico e arquitetônico estadual e nacional – a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e Museu de Arte Sacra – além de um núcleo de construções comerciais e residenciais (p. 74).

Desse modo, percebemos que as ações educativas do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas fizeram com que o poder público municipal de Embu das Artes incluísse o museu nas metas do Plano Municipal de Cultura de Embu das Artes. Contudo, desde a divulgação do referido plano, notamos em nossa pesquisa que não há indícios de acompanhamento de tal documento por parte do poder público municipal para que as metas pretendidas sejam alcançadas por meio das estratégias citadas no plano. Porém, no que se refere ao Plano Municipal de Educação, percebemos que o museu tem buscado constantemente se alinhar as metas propostas, ao promover a articulação com as escolas públicas municipais. Portanto, em Embu das Artes também prevalece a lógica da descontinuidade de políticas públicas na área da educação e da cultura, através de um enfraquecimento dos esforços em cumprir com as estratégias previstas nos documentos oficiais.

4 CAPÍTULO 3: MATERIAIS EDUCATIVOS DE ARTE SACRA DIRECIONADOS A PROFESSORES.

A produção de materiais compõe o rol das ações educativas voltadas ao ensino e à aprendizagem em museus (MARANDINO et al, 2016, p. 16). Neste capítulo investigaremos dois materiais educativos direcionados aos professores que foram produzidos pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo e pelo Museu de Arte Sacra dos Jesuítas. Estes materiais são uma pequena parte do trabalho de produção de materiais realizado por estes museus e não esgotam as possibilidades de novas investigações. Porém, antes de iniciarmos a descrição e análise de tais materiais, iremos refletir a respeito da elaboração de produtos educativos em museus.

Na publicação *A Educação em Museus e os Materiais Educativos* as pesquisadoras Martha Marandino, Luciana Monaco, Marcia F. Lourenço, Juliana Rodrigues e Fernanda Pardini Ricci afirmam que a elaboração de materiais e kits pelos setores educativos dos museus se ampliou ao longo dos anos (MARANDINO et al, 2016, p. 6) . Dentre os materiais produzidos estão:

> "réplicas ou modelos que "imitam" as obras ou os organismos taxidermizados para educação e deleite dos visitantes, que, na maioria das vezes, podem ser tocados e manipulados. Existem também cadernos, guias, folders, livros, materiais eletrônicos, audiovisuais, aplicativos e objetos virtuais com textos e atividades que aprofundam conteúdos relacionados às exposições ou ao acervo e que podem prolongar a visita ao espaço museal. Existem, ainda, kits ou conjunto de peças que reúnem alguns dos materiais exemplificados e que podem ser usados em atividades dentro do próprio museu ou emprestados ao público. Alguns museus disponibilizam esses materiais online em seus websites ou, ainda, os comercializam nas "lojinhas" (MARANDINO et al, 2016, p. 6).

As autoras também pontuam que a produção de materiais educativos não é um trabalho simples, uma vez que envolve processos de seleção de conteúdos, de adequação de linguagem, de proposição de formas e estratégias que os tornem visualmente atrativos aos públicos aos quais se endereçam (MARANDINO et al, 2016, p. 6-7). Para as autoras "o momento de elaboração de um produto educativo envolve muitas decisões, oriundas das demandas institucionais, da resposta que virá do público, da responsabilidade profissional, do orçamento, das condições de trabalho e da necessidade de ser reconhecido" (MARANDINO et al, 2016, p. 15).

Marandino et al argumentam que "ao destacar os materiais educativos, estamos, ao mesmo tempo, sublinhando a importância e a densidade do trabalho dos educadores dos museus e

revelando o potencial criador que estes profissionais podem ter se sua função for valorizado nesses espaços (MARANDINO et al, 2016, p. 7). Segundo elas, “a produção de materiais configura, de forma peculiar, as ações educativas voltadas ao ensino e à aprendizagem em museus, o que invariavelmente molda também os sujeitos envolvidos na sua concepção, de maneira a torná-los educadores” (MARANDINO et al, 2016, p. 16).

As pesquisadoras defendem que os materiais educativos produzidos pelos educadores dos museus evidenciam não somente o processo de construção de conhecimento no campo da educação em museus, mas também revelam “a identidade desses profissionais como educadores de museu, reafirmando seu papel crucial” (MARANDINO et al, 2016, p. 17).

Para Marandino et al:

> O conteúdo escolhido, a forma de apresentá-lo, a decisão do tipo de suporte e até mesmo a definição do público-alvo da ação são o resultado de uma construção do educador e, em muitos museus, de um grupo de educadores. Tal construção é influenciada pelas características e pela concepção de conhecimento e de educação dos educadores e da instituição onde se encontram. Assim, o educador, ao traçar o objetivo de determinada atividade educativa, também reforça a sua identidade institucional e, quase sempre, a identidade do grupo ao qual faz parte (MARANDINO et al, 2016, p. 14-15).

Porém as autoras ainda alertam que nem sempre o processo de produção das ações educativas nos museus é feito de forma coletiva, uma vez que em muitos casos, os educadores são poucos e trabalham de forma isolada na instituição (MARANDINO et al, 2016, p. 14). Contudo afirmam as pesquisadoras:

> Sabe-se, porém, que os educadores, na medida em que interagem com seus pares – nas equipes de educação dos museus, mas também em encontros com educadores de outros museus, em congressos, ou mesmo por meio de associações de classe –, trocam experiências, angústias, acertos e desafios. É desse modo que, a nosso ver, vai se constituindo a identidade dos educadores de museus (MARANDINO et al, 2016, p. 14).

Nos museus de arte sacra pesquisados nos deparamos com dois materiais que são distribuídos pelos educadores aos professores que participam de encontros Explore o Museu de Arte Sacra: Professores (MAS-SP) e o Guia Temático do Professor (MASJ). Ambas publicações foram lançadas em 2014 e serão analisadas a seguir.

4.1 Explore o Museu de Arte Sacra: Professores – Museu de Arte Sacra de São Paulo

O material “Explore o Museu de Arte Sacra: Professores” produzido pelo Museu de Arte Sacra vem em uma caixinha que contém sete fichas de atividades. Ao abrir a caixa o professor encontra a seguinte mensagem:

“Caro Professor, Esta caixa contém 7 fichas que apresentam a diversidade do acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo. A intenção desse material é fornecer subsídios para prática pedagógica e para a organização de uma visita com seus alunos ao Museu. Para tal, há textos, sobre possíveis temáticas de trabalho, referências bibliográficas para o aprofundamento dos assuntos tratados e uma proposta de atividade que pode se aplicada com seus alunos antes ou depois da visita ao Museu. Boa descoberta!” (EXPLORE O MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO PAULO, n.p.)

Figura 4: Foto do material educativo “Explore o Museu de Arte Sacra: Professores”

Kit educativo para professores
Publicado em 2014.
7 fichas temáticas.

Fonte: Próprio autor, 2018.

As sete fichas que compõem o *Explore* são:

I - Museu de Arte Sacra: acervo e histórico - apresenta a data de abertura do Museu e fala sobre os objetos que compõe o acervo, além de explicar como funciona um museu e sugerir como leitura o Catálogo do Museu de Arte Sacra (2014) e o livro "Conceitos-chave de museologia" (2013) de André Desvallées e François Mairesse. Como proposta de atividade está a criação de um museu coletivo com os alunos para que se entenda o ato de colecionar como algo característico dos seres humanos. Para isso apresenta algumas perguntas norteadoras:

- Qual será a temática da exposição montada?
- Quais os objetos que farão parte dela? Será necessário criar esses objetos a partir de desenhos, maquetes e esculturas? Os objetos colecionados pelos alunos poderão fazer parte dessa exposição?
- A partir de quais objetos podemos representar cada um dos alunos? De que maneira estes objetos podem ser agrupados para representar a sala?
- Será que todos os objetos trazidos ou confeccionados pelos alunos poderão fazer parte da exposição? Ou será que devemos eleger um critério para selecionar aqueles mais significativos para a história narrada pela exposição?
- Onde serão expostos? De que maneira? Será necessário produzir um texto para apresentar a exposição? E os objetos expostos precisarão de legendas? Quais informações devem constar nessas legendas? Será necessário um educador para apresentar a exposição aos seus visitantes?

II - Mosteiro da Luz: chácara conventual urbana de São Paulo - é apresentado um breve histórico sobre o mosteiro da luz, ressaltando seus aspectos arquitetônicos com explicações de como são realizadas as técnicas empregadas para a construção: taipa de pilão, taipa de mão e adobe. Como leitura sugerida está o livro de Leonardo Arroyo "Igrejas de São Paulo" (1954), um artigo de Carlos Lemos "Mosteiro e Igreja da Imaculada Conceição" (2008), a publicação "Mosteiro da Luz: 240 anos" (2014) do Museu de Arte Sacra e o artigo de Maria Augusta Justi Pisani "Taipas: a arquitetura de terra" (2004). Como atividade proposta está a organização de um caderno de campo em que o aluno realizará anotações sobre o percurso entre sua casa e a escola para estimular as noções de temporalidade e espacialidade. Para isso dá as seguintes perguntas norteadoras:

- Todas as construções existentes no trajeto foram feitas em um mesmo período? Onde se localizam as mais antigas? E as mais novas? Que tal registrá-las a partir de fotografias?
- Há uma mudança nos materiais utilizados para pavimentação das ruas ao longo do trajeto? E o traçado das ruas? É mais sinuoso/reto ou mais estreito/largo e quais pontos? Essa mudança é indício do momento em que foram feitas?
- Que tal organizar um mapa em que sejam indicados os principais pontos de referência encontrados nesse trajeto? Será que os pontos indicados serão sempre os mesmos ou dependerá das referências de quem o produzir? Lembre-se de destacar os espaços dedicados ao lazer, ao estudo, ao comércio, as residências, as indústrias. Quais aparecem em maior quantidade?
- Observa as pessoas que habitam e circulam por esses locais. Há um número maior de homens ou mulheres? E a faixa etária é sempre a mesma em todos os locais do trajeto? que tal realizar uma entrevista com alguém do seu bairro que possa lhe contar sobre as transformações deste local?

III - Pintura: Coleção de Pinturas do MAS-SP - é feita uma contextualização do termo pintura e de sua presença no acervo do MAS. Frei Jesuíno de Monte Carmelo, Benedito Calixto, Almeida Júnior, Anita Malfatti, Aldo Bonadei são nomeados como os artistas que possuem obras atribuídas no Museu. Há um destaque maior para a biografia e obras de Calixto e Monte Carmelo. Há sugestão de leitura do artigo de Vânia Carneiro Carvalho e Solange Ferraz Lima "São Paulo antigo, uma encomenda da modernidade" (1993), da Enciclopédia Itáu Cultural de Arte e Cultura Brasileira (recurso digital) e do "Dicionário de termos artísticos" (1998) de Luiz Fernando Marcondes. Como proposta de atividade traz um roteiro de leitura de uma obra (óleo sobre tela, século XVIII-XIX) intitulada "Santo Ambrósio" de Frei Jesuíno do Monte Carmelo, na qual segue estas perguntas:

- O que é possível reconhecer de forma racional na imagem?
- Quais são os planos de construção da imagem? Qual o plano de maior destaque? Por quê? (Discuta sobre a iluminação da tela e a disposição dos elementos representados).
- Como a figura central é representa? Refletia sobre o personagem - O que fazia? Quem era? Em que época viveu?
- Existem elementos simbólicos? O que representam?
- Como será que o artista criou esta pintura, por observação, memória, imaginação ou outras referências? Quais?

IV - Escultura: materiais e técnicas - é apresentada a função da escultura devocional e sua trajetória na história do Brasil após o processo de colonização. Na sequência a temática é subdividida em três box explicativos: "O século XVII e a produção em barro", "O século XVIII e o uso da madeira" e "A imagem de roca". Como sugestão de leitura são apresentadas as obras de Beatriz Coelho "Devoção e Arte" (2005), Eduardo Etzel "Imagens religiosas de São Paulo" (1971) e o artigo de Maria Helena Ochi Flexor "Imagens de roca e de vestir na Bahia" (2005). Como proposta de atividade está uma experimentação da técnica do esgrafito utilizando palito de dente para remover a tinta nanquim aplicada em papel laminado amarelo de forma a produzir grafismos e texturas visuais, como as que estão presentes nas policromias das esculturas do acervo.

V - Presépios: Presépio Napolitano do MAS-SP - há uma breve contextualização do que são presépios e de sua invenção atribuída a São Francisco de Assis. Na sequência, a presença dos presépios no acervo do MAS é explorada, dando ênfase ao presépio napolitano e de como é feito. Francisco Matarazzo Sobrinho e Silvio Galvão são nomeados como figuras associadas a existência deste projeto no espaço expositivo do museu - a Matarazzo se deve a aquisição das peças e a Galvão a criação do cenário expositivo em que se encontra hoje. Como sugestão de leitura estão listados a dissertação de Eliane Ribeiro Ambrósio "Preservação do Presépio Napolitano do Museu de Arte Sacra de São Paulo" (2006) e o livro organizado por José Roberto Walker "O Presépio Napolitano de São Paulo" (2002). Como proposta de atividade está a criação de um presépio com os alunos que represente a cidade em que vivem nos dias de hoje levando em consideração as seguintes perguntas:

- Em que espaço nascerá o menino Jesus? Em um estábulo? Em um templo greco-romano em ruínas como no Presépio Napolitano? Ou em outro espaço? Qual?
- Quais as cenas que estarão representadas para além do nascimento do menino?
- Quais os personagens que não podem faltar nesta representação para caracterizar sua cidade no século XXI?
- Como será o cenário? Quais os elementos que o compõe? De quais materiais será feito?

VI - Numismática: estudo de moedas e medalhas - É apresentado o conceito de numismática e contextualizado historicamente o surgimento das moedas, a presença delas no Brasil e a expressão "Cara ou Coroa". O acervo de numismática do museu é apresentado, tendo

Dom Duarte Leopoldo e Silva como colecionador particular que deu origem a estes objetos pertencentes hoje ao MAS. Como sugestão de leitura estão os livros de Claudia Umpierre

Carlan e Pedro Paulo Funari "Moedas" (2012) e "Faces da Moeda" (2009) de Maria Beatriz Borba Florenzano. Como proposta de atividade está um roteiro de análise para moedas do real que contém as seguintes questões:

- Todas as moedas têm as mesmas cores? Por quê? De que material são feitas?
- Quais os valores das moedas? Seus valores são maiores ou menores do que o das notas?
- Para que utilizamos moedas?
- Quais os personagens representados no anverso das moedas? O que aparece mais, homens ou mulheres?
- No anverso das moedas, além de personagens, há outros símbolos. Quais seus significados?
- Há alguma relação entre o valor da moeda e os personagens nelas representados?
- Repare nas moedas de R$1,00. Nem sempre no anverso há a mesma imagem, pois se tratam de moedas comemorativas. O que celebram?
- Quem pode produzir moedas hoje no país?

VII - Mobiliário: a compreensão do cotidiano a partir dos móveis - o termo mobiliário é apresentado, bem como seu uso na tradição luso-brasileira. Os móveis destinados às práticas litúrgicas do catolicismo e de usos devocionais são apresentados. Como sugestão de leitura estão os livros de Tilde Canti "O móvel no Brasil" (1980) e Maria Angélica Santi "Mobiliário no Brasil" (2013). Como proposta de atividade está uma análise de uma cadeira, orientada a partir das seguintes perguntas (roteiro de observação):

- De qual(is) material(ais) foi feita? É composta de quantas partes? São materiais duráveis? É colorida? tem cheiro? Está completa? A cadeira escolhida foi produzida manualmente ou industrialmente? Foi customizada por seu dono? Trata-se de um objeto único ou seriado? Quem a produziu? É assinada por algum artista?
- Qual a função da cadeira escolhida? Trata-se de um objeto funcional, decorativa ou ambos? O espaldar, as pernas e o assento forma feitos pensando no conforto daqueles que utiliza? Por quê?
- Para quem essa cadeira foi produzida? Em quais locais é encontrada? Encontramos

essa cadeira representada em outros objetos (miniaturas, estampas de roupas e calçados etc.)?

- Qual o valor atribuído à cadeira por você? E pela loja em que é vendida? E por seu produtor (artista, artesão ou empresa)? E por um museu?

No documento *Plano Educativo do Museu de Arte Sacra de São Paulo 2018* está previsto a produção de materiais da seguinte forma:

A Produção de Materiais Educativos compreende o trabalho de pesquisa, elaboração e avaliação de uma série de materiais educativos, desenvolvidos em apoio à mediação do acervo, destinados tanto aos professores como ao público em geral (fichas temáticas para professores, kits pedagógicos para empréstimo, folders, imagens, objetos e maquetes desenvolvidos para visita mediada, mapas de desenho autônomo, jogos educativos físicos e online etc.).

Entende-se o processo de criação de materiais educativos como uma estratégia para a aproximação do visitante não só das obras, mas também das narrativas (re)criadas pelas exposições, pelo Museu e pelo próprio educador. Nesse sentido, o educador durante o processo de concepção de qualquer material educativo deve ter em mente as motivações que norteiam sua criação, os públicos para os quais se dirige e os momentos em que utilizará o material desenvolvido. Além de se questionar sobre em que medida os dispositivos educativos concebidos tornam visíveis os agentesenvolvidos na criação de sentidos a partir da mobilização de objetos expostos e a própria intencionalidade do educador, mais um dos agentes imbricados no processo de construção e de ativação de significados das obras salvaguardadas pelo museu (Plano Educativo do Museu de Arte Sacra de São Paulo, 2018, p. 8).

Além disso, o Plano Educativo aborda a questão das pesquisas de público da seguinte maneira:

As Pesquisas de Público objetivam conhecer o público visitante do complexo do Mosteiro da Luz, diagnosticando seu perfil, suas expectativas e suas necessidades. Acredita-se que só a partir do conhecimento desse público seja possível traçar estratégias de ações educativas efetivas. Estas estratégias partem do modelo de experiência interativa, em que se busca compreender a experiência completa do visitante, isto é, entende-se a fruição do visitante enquanto o intercruzamento dos contextos pessoal, social e físico do indivíduo (FALK & LYNN, 1992). Esses estudos são realizados de maneira sistemática com o público escolar (professor e estudante do ensino fundamental ciclo II) a fim de compreender a experiência da visita mediada agendada, conforme as discussões promovidas no âmbito do Grupo de Trabalho de Pesquisa de Satisfação do

Público Escolar da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico da Secretaria de Estado da Cultura, coordenado pelo Museu de Arte Sacra de São Paulo. Também se organizam pesquisas regulares com os professores, profissionais de turismo e educadores participantes de encontros promovidos para esses públicos. Por fim, investigam-se junto aos visitantes espontâneos a compreensão e a fruição de exposições temporárias bem como a experiência de participação do projeto educativo Desenhança, em que são convidados a conhecer o acervo a partir de múltiplos roteiros de desenho dirigido (Plano Educativo do Museu de Arte Sacra de São Paulo, 2018, p. 8).

No material *Explore o Museu de Arte Sacra: Professores* há uma oitava ficha que é identificada como *Avaliação da Publicação: professor, queremos conhecer aqui sua opinião*. No interior desta ficha há uma repetição dos objetivos da publicação, já escritos aqui anteriormente e que constam também impressos no interior da caixinha, acrescido de um texto novo:

Para darmos continuidade ao nosso trabalho é fundamental conhecermos sua opinião, com este objetivo formulamos esta breve avaliação. As questões podem ser preenchidas nesta própria ficha, que após ser digitalizada, deve ser enviada para o e-mail *educativo@museuartesacra.org.br* com o seguinte campo no assunto: "Avaliação Explore o Museu de Arte Sacra: professores". Ou, se preferir, por meio do formulário eletrônico: "Avaliação Explore o Museu de Arte Sacra: Professores", disponível no site *http://mastec.net.bet/site/login/*, no menu, "acessar como visitante", curso "Ação Educativa". Neste endereço também é possível realizar o download da publicação em PDF. (EXPLORE O MUSEU DE ARTE SACRA: PROFESSORES).

.Na página 14 do documento *Relatório de Atividades - 3º Trimestre de 2014* o Museu de Arte Sacra de São Paulo relata da seguinte maneira sobre o lançamento desta primeira publicação para professores:

O lançamento da primeira publicação para professores do MAS propiciou o contato com representantes de escolas particulares e a reaproximação com escolas que haviam deixado de visitar a instituição, em função do desconhecimento da

diversidade tipológica do acervo e da dinamicidade da programação cultural e atividades educativas regularmente ofertadas. Este fator, somado a consolidação de uma programação para professores (encontros e visitas integradas em parceria com outras instituições museológicas) também nos auxilia a compreender o cumprimento antecipado da meta nº34, em que já ultrapassamos o número de professores, educadores e profissionais de turismo capacitados em cursos em 11% do previsto para o ano. A partir das avaliações preenchidas pelos professores constatamos que recorrentemente a participação nestas atividades deve-se a indicação de terceiros

(amigos, colegas ou escolas) que já estiveram em atividades programadas pelo Museu sejam visitas educativas ou cursos e oficinas (Relatório de Atividades - 3º Trimestre de 2014, p. 14)

4.2 Guia Temático do Professor – Museu de Arte Sacra dos Jesuítas

O Guia Temático do Professor é uma publicação de 2014 produzida pelo Museu de Arte Sacra dos Jesuítas. Este material tem 60 páginas e foi realizado após a obtenção de recursos que o museu ganhou ao ter sido um dos vencedores da 5ª edição do Prêmio Darcy Ribeiro de educação museal em 2012.

Conforme o site do Instituto Brasileiro de Museus:

> O edital do 5º Prêmio Darcy Ribeiro foi publicado na quinta-feira, 31 de maio, no Diário Oficial da União. O edital desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC) visa premiar práticas e ações de educação museal que, por meio das diversas relações de mediação com os públicos, convidem à apropriação, em sentido amplo, do patrimônio cultural, valorizando-o e promovendo sua preservação. Serão 15 prêmios de R$ 10 mil e podem concorrer ao prêmio instituições museais públicas de qualquer esfera administrativa, desde que não vinculadas à estrutura do Ministério da Cultura; órgãos ou entidades públicas que possuam em sua estrutura unidades museais; e instituições museais de direito privado sem fins lucrativos. As inscrições começam dia 1º de junho e seguem até 31 de julho de 2012. Os interessados devem se inscrever através do Sistema Salic Web, disponível no Portal do Ministério da Cultura e na página do Ibram[11].

O Museu de Arte Sacra dos Jesuítas foi um dos 15 ganhadores do prêmio, sendo uma das quatro instituições paulistas a obterem a verba de R$10 mil - as outras instituições contempladas foram o Centro Cultural São Paulo, Museu da Energia de Itu e Museu do Futebol (representado pela organização social Instituto da Arte do Futebol Brasileiro), conforme publicação do Ibram[12]. É interessante ressaltar que das 15 contempladas nesta edição apenas 1 instituição era do Nordeste (Museu de Arte Moderna da Bahia - BA). As demais estavam divididas em oito instituições da região Sul, cinco da região Sudeste e apenas uma do Centro Oeste, conforme mostra a tabela abaixo extraída do resultado publicado pelo IBRAM.

---

[11] Disponível em: http://www.museus.gov.br/ibram-lanca-premio-darcy-ribeiro/. Acesso em 12 de outubro de 2018.

[12] Informações obtidas através da publicação do resultado em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/11/ResultadoFinal_DarcyRibeiro.pdf. Acesso em 12 de outubro de 2018.

Quadro 2: Resultado final do Prêmio Darcy Ribeiro 2012

Pont	N.º da Proposta	Instituição Beneficiada	Título do Projeto	Município	UF
30	80405	Museu Histórico Regional	Programa Momento Patrimônio	Passo Fundo	RS
30	82033	Instituto da Arte do Futebol Brasileiro	Deficiente Residente: Acessibilidade e Inclusão no Museu do Futebol	São Paulo	SP
30	82122	Museu de Arte de Joinville	Projeto Multidisciplinar	Joinville	SC
30	82238	Centro Cultural São Paulo	Centro Cultural, Seu Próprio (CC, SP)	São Paulo	SP
30	82401	Museu Zoobotânico Augusto Ruschi	Museu Solidário: Muzar Visita Comunidades que não Tem Acesso ao Museu	Passo Fundo	RS
30	81247	Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann	Projeto Ofícios do Século XX	Panambi	RS
30	81980	Instituto Imersão Latina	Contos de Lá nos Cantos de Cá: memórias e sons que contam histórias	Belo Horizonte	MG
30	82351	Museu de Arte Sacra dos Jesuítas	Projeto Descobrindo Embu no Museu	São Paulo	SP
29	81473	Museu da Energia de Itu	Programa Formação de Público no Museu da Energia de Itu	São Paulo	SP
29	82225	Museu do Imigrante	Os Imigrantes e suas histórias maravilhosas- Ação sócio educativa do Museu do Imigrante	Timbó	SC
29	82323	Museu da Universidade do Extremo Sul Catarinense	Museus em Movimento: Rizomas	Criciúma	SC
29	82368	Museu de Arte de Montenegro	Infestação: Uma Crítica Social Através da Arte	Montenegro	RS
29	82406	Universidade Federal de Goiás – Museu Antropológico	Ocupe o Museu	Goiânia	GO
28	82118	Museu Histórico de Pinhalzinho	Casa de Chão Batido: Representação da história dos caboclos do oeste de Santa Catarina	Pinhalzinho	SC
28	82309	Museu de Arte Moderna da Bahia	Projeto Zoom. In Zoom.Out	Salvador	BA

Fonte: IBRAM, 2018.

Fica nítido, portanto, que mais da metade do prêmio ficou concentrado nas regiões sul e sudeste do país em detrimento do Nordeste, o que demonstra a desigualdade na distribuição dos recursos na área da cultura brasileira.

De todo modo, o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, enquanto proponente contemplada, conseguiu produzir o material *Guia Temático do Professor* que é distribuído aos professores participantes do Encontro Pedagógico de Formação, no qual os professores recebem ao término do encontro como síntese das discussões realizadas e como instrumento que o auxilie a pensar estratégias pedagógicas para sala de aula que possam culminar com uma visita dos alunos ao museu.

Figura 5: Capa e contracapa do Guia Temático do Professor - Projeto Descobrindo Embu no Museu do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas

Fonte: Acervo Fotográfico do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, 2012.

O guia está dividido em nove partes. A seguir apresentamos de forma sucinta o que cada uma delas aborda e o intervalo de páginas que está localizado:

I - Patrimônio: é apresentada a etimologia da palavra e de que forma esta noção foi transformada ao longo do tempo e na década de 1930 no Brasil com a criação do SPHAN como ela norteará a forma como os bens culturais serão protegidos a partir de então (p. 6).

II - Museu: é apresentada a definição de museu pela 22ª Conferência do ICOM, o termo grego para museu como templo das musas, a história dos gabinetes de curiosidades, a criação dos museus modernos e dos primeiros museus no Brasil e a Nova Museologia (p. 7-8).

III - Educação Museal: é apresentada a noção de educação museal, pautada nos estudos de Denise Grinspum e Hooper-GreenHill, e o professor é chamado a envolver- se com a instituição realizando a devida preparação dos estudantes (p. 9-10).

IV - Contextualização Histórica do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas e do Museu Anchieta: é feito um percurso histórico que passa pela fundação da Companhia de Jesus, fundação do Colégio de São Paulo de Piratininga, doação das Terras de Mboy aos padres do Colégio, a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a supressão e a restauração da

companhia de Jesus no Brasil, a administração diocesana da Igreja

de Nossa Senhora do Rosário, o processo de tombamento e restauro da referida e Igreja, o retorno da Companhia de Jesus ao Pateo do Collegio, a Administração da Igreja pela Fundação Maria Auxiliadora, o retorno da Igreja de Nossa Senhora do Rosário à Companhia de Jesus e a reabertura do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas (p. 11-24).

V - Contextualização artística dos acervos do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas e do Museu Anchieta: maior parte em relação ao número de páginas dedicadas no material é feita uma distinção entre arte sacra e religiosa, é explicado o uso da arte na Igreja Católica, o estilo barroco é historicizado e discutido sua presença no Brasil; há uma reflexão sobre um estilo jesuítico pontuando arquitetura, mobiliário e decoração; é apresentado o conceito de imaginária e explicado o que são as imagens de roca e de vestir (que compõe em maior parte o acervo do MASJ), são apresentadas as características das paulistinhas e da música sacra ressaltando os instrumentos musicais utilizados nos aldeamentos jesuíticos, com ênfase no de Mboy. Em todo o momento objetos do acervo são apresentados através de imagens (p. 24-45).

VI - Glossário: são apresentadas definições de palavras, nomes de lugares e pessoas, explicações de eventos e objetos que estão presentes na história da Companhia de Jesus, e em especial, no acervo que o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas e o Museu Anchieta trazem. As definições são apresentadas em até seis linhas, sendo a maior delas a que explica quem é Nossa Senhora do Rosário, patrona da Igreja em que hoje o MASJ se encontra (p. 46-52).

VII - Cronologia: são apresentadas datas do intervalo que vai de 1549 (chegada dos primeiros jesuítas ao Brasil na Bahia) até 2004 (ano da reabertura do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas) (p. 53-55)

VIII - Abreviaturas: são apresentadas sete abreviaturas utilizadas ao longo do guia que são elas SJ (Societas Jesus), AE (Arquivo do Estado), MAS (Museu de Arte Sacra de São Paulo), ACM (Arquivo da Cúria Metropolitana), IPHAN (Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional), MA (Museu Anchieta - Pateo do Collegio) e MASJ (Museu de Arte Sacra dos Jesuítas) (p. 55).

IX - Fontes de pesquisa: são apresentadas as fontes manuscritas, impressas, a bibliografia utilizada e os sites consultados para a produção do Guia. Sobre arte sacra são listados os clássicos estudos de Leonardo Arroyo (Igrejas de São Paulo, 1954),

Eduardo Etzel (O Barroco no Brasil, 1974) e Sérgio Buarque de Holanda (Capelas Antigas de São paulo, 1941). Sobre Educação Patrimonial Denise Grinspum é citada (artigo: Educação

Patrimonial como forma de arte e cidadania, 2004) e o clássico *Guia de Educação Patrimonial* (1999) de autoria de Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriane Queiroz Monteiro. Sobre história local de Embu das Artes a escritora Raquel Trindade (1936-2018) com seu livro "Conto, canto e encanto com a minha história… Embu, aldeia de M'boy" (2004) é citada. Há também uma listagem de outras produções utilizadas (p. 56-60).

O material é composto elementos textuais e imagéticos. Os textos giram em torno dos temas elencados acima e as imagens são fotografias das edificações que abrigam os Museus Anchieta e Museu de Arte Sacra dos Jesuítas, do acervo de ambas instituições museológicas e seus espaços expositivos, além de gravuras de personagens históricos mencionados no texto - tais como o Marquês de Pombal e Inácio de Loyola.

Em sua apresentação fala sobre a reabertura do museu em 2004 e suas ações culturais, entre elas: a Comemoração da Festa de Nossa Senhora do Rosário (2005-atual); cursos para guias de turismo (2009-2013), Ciclo de Palestras (2011-2015), Série de Concertos (2007- 2009), Aprendendo no Museu (2013-2016) e, por fim, o próprio *Projeto Descobrindo Embu no Museu* que teve início em 2007. Na sequência são apresentados os objetivos do projeto:

- Contribuir para o resgate da história do museu e do município;
- Estimular o hábito da visita a museus e instituições culturais;
- Propiciar uma visita formativa ao museu;
- Estimular a interdisciplinaridade;
- Desenvolver princípios de educação patrimonial;
- Desenvolver a noção de consciência histórica;
- Fomentar o senso crítico;
- Contribuir para o exercício pleno da cidadania (GUIA TEMÁTICO DO PROFESSOR, 2014, p. 4).

No Guia é feita a seguinte observação a respeito do papel do professor:

Para o pleno desenvolvimento do Projeto *Descobrindo Embu no Museu* é fundamental a adesão do professor, pois este será o mediador entre o museu e o educando, promovendo assim o aprendizado de todos os envolvidos no processo. Para que tal objetivo seja alcançado, é necessário o preparo do profissional de educação na metodologia que é usualmente empregada nos museus.

Essa metodologia de ensino requer a preparação de atividades que serão realizadas antes, durante e depois da visita e subsidia o entendimento da educação patrimonial (GUIA TEMÁTICO DO PROFESSOR, 2014, p. 4).

Desta forma podemos perceber que o Guia Temático do Professor é um material denso, composto por textos explicativos, imagens, glossário, cronologia e bibliografia de apoio. Não traz propostas de atividades, mas apresenta uma pesquisa muito sólida a respeito do edifício que hoje o museu está instalado e do acervo que traz. Pelo que foi observado na leitura dos portfólios, os professores acabam utilizando mais o Encontro Pedagógico de Formação como inspiração para suas propostas didáticas do que o material em si. Da bibliografia utilizada no material a única que percebemos que perpassa praticamente todos os portfólios é o livro da Raquel Trindade "Conto, canto e encanto com a minha história… Embu, adeia de M'boy" (2004) que todas as professoras da rede municipal de ensino de Embu das Artes acabam utilizando, uma vez que este livro está em todas as escolas da rede, de forma que o contato com a obra precede a leitura do Guia.

A partir da leitura dos portfólios de 2013-2017, verificamos que o Guia Temático do Professor é pouco mencionado como um material que tenha orientado a prática da sala de aula. O que não significa que ele não foi consultado ou lido pelo professor, mas o que mais percebemos pelos relatos dos professores através dos portfólios é que há uma nítida apropriação de estratégias do próprio Encontro Pedagógico de Formação (como a atividade de distinção entre museus de arte, história e ciência / nome) para a realização das atividades com os estudantes da educação básica.

5 CONCLUSÃO

Se o século XX foi o século da estruturação dos primeiros museus de arte sacra na Região Metropolitana de São Paulo, a partir da organização de seus acervos no interior de edificações religiosas remanescentes do período colonial, o século XXI se mostra como o período que tem sido marcado pela consolidação das ações educativas no interior destes espaços, nos quais a relação entre museu e escola tem se aprofundado em torno da educação patrimonial.

O Museu de Arte Sacra de São Paulo e o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas seguiram caminhos diferentes de desenvolvimento institucional, sendo o primeiro concebido por um grupo envolvido com o poder público e o último por um grupo de religiosas que tiveram o espaço fornecido pela diocese. Ambos tiveram muita repercussão na imprensa paulista, observada pela recorrência de menções no jornal *O Estado de São Paulo* que inúmeras vezes noticiou suas programações e teceu considerações a respeito da gestão de seus acervos.

Contudo, como buscamos apontar no capítulo I, com as mudanças geradas pelo impacto da internet em que publicação de conteúdos não vai depender mais da mediação de jornalistas, a programação destas instituições, aparece com menor frequência do que nas décadas 1970, 1980 e 1990. E isto é interessante, pois coincide com o momento em que há uma maior sistematização das ações educativas de tais museus, tendo uma produção e diversificação maior de atividades, como mostramos no capítulo II, ao apresentarmos os projetos *Educar em Conjunto e Descobrindo Embu no Museu*. Isto é, no momento em que há um apogeu de ações educativas nos museus de arte sacra da região metropolitana de São Paulo e seu envolvimento com a educação pública, a imprensa tradicional paulista, na figura do jornal *O Estado de São Paulo* tem se distanciado de realizar reportagens significativas sobre as ações que ocorrem no interior destes espaços museológicos. Desta forma, as fontes para a pesquisa de tais ações no caso do Museu de Arte Sacra de São Paulo foram restritas aos relatórios de atividades produzidos pela O.S., no site institucional e nas redes sociais e no caso do Museu de Arte Sacra de Jesuítas, além dos relatórios de atividades, temos os portfólios de professores do referido projeto.

Tal encontro entre escola e museu faz com que os educadores de ambos espaços, isto é, o educador em contexto escolar e o educador em contexto museológico, dialoguem e promovam experiências educativas nos estudantes atendidos pela instituição escolar. E ao passo que esta relação se intensifica, materiais educativos são produzidos no interior destes museus, dando

direcionamento para que o público escolar compreenda as múltiplas possibilidades de uso de seu acervo.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adriana M. **Desafios da relação museu-escola**. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36322. Acesso em 24/05/2017.

AÇÃO EDUCATIVA MUSEU DE ARTE SACRA. **Explore o Museu de Arte Sacra: Professores. São Paulo:** SAMAS, 2014.

AÇÃO EDUCATIVA MUSEU DE ARTE SACRA**. Plano Educativo 2018. São Paulo**: SAMAS, 2018.

AÇÃO EDUCATIVA MUSEU DE ARTE SACRA. **Roteiro de visitas temáticas – Ensino Fundamental Ciclo I**. São Paulo: SAMAS, 2018.

AZEVEDO, MAURO P. **O processo de transformação socioespacial de Embu das Artes: um diálogo com a metropolização de São Paulo.** Tese (Doutorado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde- 02062017-092157/pt-br.php. Acesso em 12/09/2017.

BAPTISTA, ANNA P**. Do eterno ao moderno: arte sacra católica no Brasil, anos 1940-50.** Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000121.pdf. Acesso em 24/05/2017.

BAUMGARTEN, JENS; TAVARES, ANDRÉ. **O barroco colonizador: a produção historiográfico-artística no Brasil e suas principais orientações teóricas.** Perspectives [Online], 2, 2013. Disponível em: https://perspective.revues.org/5538. Acesso em 24/05/2017.

BUCHMANN, LUCIANO P**. Escolares nos museus: ensaio do novo público como ato político de educadores intelectuais.** Disponível em: https://midas.revues.org/463. Acesso em 24/05/2017.

CASTRO, FERNANDA S. R. DE. **Construindo o campo da Educação Museal: um passeio pelas políticas públicas de museus no Brasil e em Portugal.** Tese (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

"O que o museus tem a ver com a educação?" – Educação, Cultura e Formação Integral: possibilidades e desafios de políticas públicas de educação museal na atualidade. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.educacao.ufrj.br/dfernandarabello.pdf. Acesso em 29/07/2018.

CHUVA, MÁRCIA REGINA ROMEIRO. **Os arquitetos da Memória: Sociogênese das práticas de preservação do patrimônio no Brasil (anos 1930-1940).** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009

COELHO, ERICA A. **A relação entre museu e escola. Relatório. Lorena**: UNISAL, 2009.

COSTA, ANTÓNIO M. R. P. DA. **Museologia da Arte Sacra em Portugal: espaços, momentos e museografia.** Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

DEMARCHI, JOÃO LORANDI. **O que é, afinal, a educação patrimonial? uma análise do Guia Básico de educação Patrimonial.** IN: Revista CPC, v.13, n.25, jan./set. 2018, p.140–162.

FRÓIS, JOÃO PEDRO. **Os Museus de Arte e a Educação: discursos e práticas contemporâneas.** Disponível em: http://repositorio.ul.pt/handle/10451/2353. Acesso em 24/05/2017.

JESUÍTAS BRASIL. **Descobrindo Embu no Museu: guia temático do professor.** São Paulo: Pateo do Collegio, 2014.

FAUSTO, BORIS. **História Concisa do Brasil.** 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 185.

FONSECA, MARIA CECÍLIA LONDRES. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Minc-Iphan, 2005.

GOIS, ANTÔNIO. **Quatro décadas de gestão educacional no Brasil: políticas públicas do MEC em depoimentos de ex-ministros.** São Paulo: Fundação Santillana, 2018. Disponível em: https://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A808A8263A47 C7E0163AD4318BA06B3. Acesso em 29 de julho de 2018.

GRINSPUN, DENISE. **Educação para o Patrimônio: museu de arte e escola – responsabilidade compartilhada na formação de públicos.** Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

HALBWACHS, MAURICE. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006

HORTA, MARIA L. P, et al. **Guia básico de educação patrimonial. Brasília: Iphan** — Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Política Nacional de Educação Museal. Brasília:** IBRAM, 2018. Disponível em: https://pnem.museus.gov.br/wp- content/uploads/2012/08/Política-Nacional-de-Educacação-Museal.pdf. Acesso em 29/07/2018.

LE GOFF, JACQUES. **História e Memória.** 7ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LEAL, ELISABETE; PAIVA, ODAIR DA C. (orgs.). **Patrimônio e História.** Londrina: Editora Unfil, 2014.

LEIVA, JOÃO. **Hábitos culturais dos paulistas**. São Paulo: Tuva Editora, 2014.

LEIVA, JOÃO. **Cultura nas capitais: como 33 milhões de brasileiros consomem diversão e**

arte. Rio de Janeiro: 17Street Produção Editorial, 2018.no primeiro

MALTEZ, CAMILA R; et al. **Educação e Patrimônio: o papel da escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural.** Pedagogia em ação, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010.

MARANDINO, MARTHA; MONACO, LUCIANA; LOURENÇO, MARCIA F.; RODRIGUES, JULIANA; RICCI, FERNANDA PARDINI. **A educação em museus e os materiais educativos**. São Paulo: GEENF/USP, 2016.

MARINS, PAULO CÉSAR GARCEZ. **Trajetórias de preservação do patrimônio cultural paulista.** IN: SETÚBAL, Maria Alice (coord.) Terra paulista: trajetórias contemporâneas. São Paulo: CENPEC/Imprensa Oficial, 2008, p. 144.

MARTINS, LUCIANA C. **A relação museu/escola: teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP**. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MOURA, LIDICE R. **Arte e Educação: uma experiência de formação de educadores mediadores.** Dissertação (Mestrado em Artes), Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2007.

MOTA, MARIA DO CARMO. **O município de Embu das Artes e sua contextualização histórica.** In: Afluente, UFMA/Campus III, v.3, n. 7, p. 21-45, jan./abr. 2018. Disponível em: www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/download/9145/5450. Acesso em 12/09/2018.

NASCIMENTO, SILVANIA S. **A relação museu e escola: um duplo olhar sobre a ação educativa em seis museus de Minas Gerais.** Ensino em Re-vista, v. 20, n.1, p. 179-192, jan/jun. 2013.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos equipamentos culturais brasileiros**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017.

ODALIA, NILO; CALDEIRA, JOÃO R. DE CASTRO (orgs). **História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista.** Vols. 1 à 3. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

POULOT, DOMINIQUE. **Uma História do Patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores.** São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RAMOS, FRANCISCO R. L. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Disponível em: http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos_sociais/a_danacao_do_objet o.pdf. Acesso em 24/05/2017.

RIBEIRO, VANESSA. **Materiais educativos: o fazer material. IN: Rede de Redes [recurso eletrônico] – diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil /** Joselaine Mendes Tojo, Lilian Amaral (organizadores). - São Paulo, 2018, p. 25-36. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/redederedes/artigos/nucleo3/a14.html. Acesso em: 29/07/2018.

RIBEIRO, VANESSA C.; OLIVEIRA, ISALTINA S. DA C.; BARROS, JULIANA R. (orgs.). **Conhecendo o público dos museus da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.** São Paulo: Museu de Arte Sacra de São Paulo, 2016.

RODRIGUES, MARLY**. Imagens do passado: a instituição do patrimônio em São Paul**o: 1969-1987. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

ROQUE, MARIA ISABEL R. **Musealização do Sagrado: práticas museológicas em torno de objectos do culto católico.** Tese (Doutorado em História), Universidade Lusíada de Lisboa, Lisboa, 2005.

RUSSI, ADRIANA, et al**. Mesa Redonda Patrimônio Cultural: Diálogos entre a arte e a educação**. Disponível em; https://educacaopatrimonial.files.wordpress.com/2010/08/patrimonio-cultural-dialogos- entre-a-arte-e-a-educacao.pdf. Acesso em 24/05/2017.

SACUMAN, JÉSSICA. **Formação cultural de professores: perspectivas a partir da análise de ações educativas em museus da cidade de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016. Disponível em: http://ppg.unifesp.br/educacao/defesas-1/formularios/dissertacoes/2016/jessica- sacuman. Acesso em 29/07/2018.

SAMAS. **Regimento interno**. Disponível em: http://museuartesacra.org.br/wp-content/uploads/2019/01/Regimento-Interno-SAMAS.pdf. Acesso em 12 de outubro de 2018.

SAMAS**. Relatório de Atividades – 3º Trimestre de 2014**. São Paulo: SAMAS, 2014.

SAMAS. **Relatório de Atividades – 4º Trimestre de 2016**. São Paulo: SAMAS, 2016.

SAMAS. **Relatório de Atividades – 4º Trimestre de 2017**. São Paulo: SAMAS, 2017.

SANTANA, CRISTIANE BATISTA**. Para além dos muros: por uma comunicação dialógica entre museus e entorno.** Brodowski: ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2011.

SILVA, ANGÉLICA BRITO. **O aldeamento Jesuítico de Mboy: administração temporal (séc. XVII-XVIII).** Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo 2018.

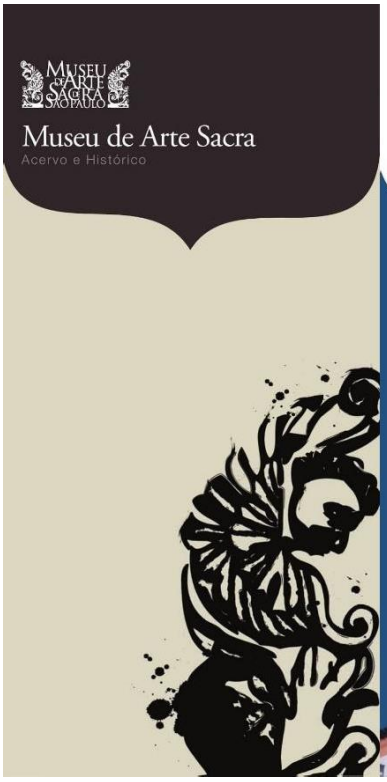
SILVA, ANGÉLICA B.; BITENCOURT, ERON M**. Descobrir o Museu, (Re) descobrir a cidade.** Educação Temática Digital, Campinas, SP, v.20, n.3, jul./set. 2018, p. 586-603.

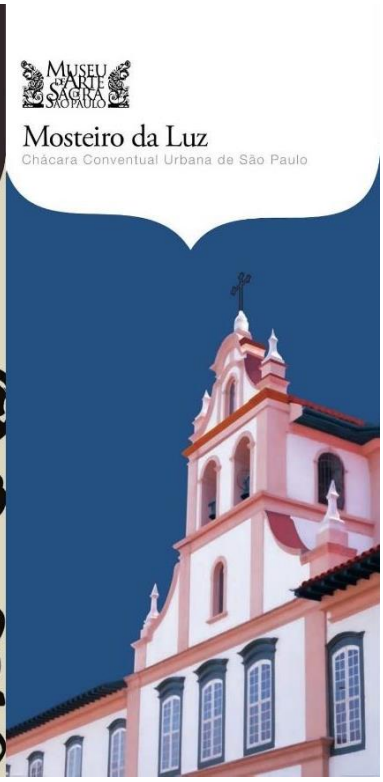
SISEM-SP (org**.**). **Museus: o que são, para que servem?** Brodowski: ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2011.

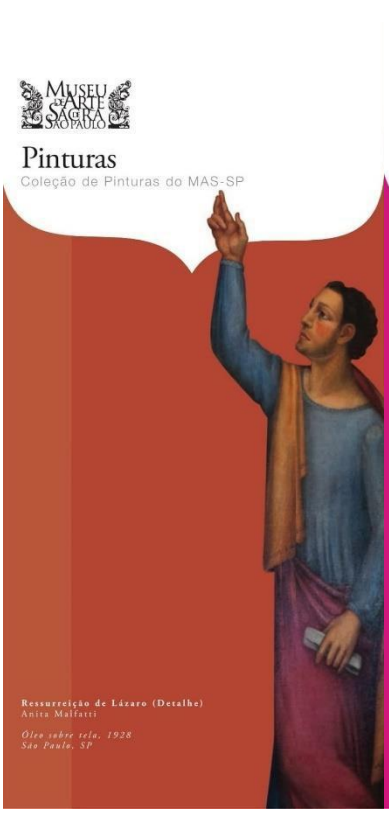
TOLENTINO, ÁTILA B. (org.). **Educação Patrimonial: reflexões e práticas.** João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.

ANEXOS

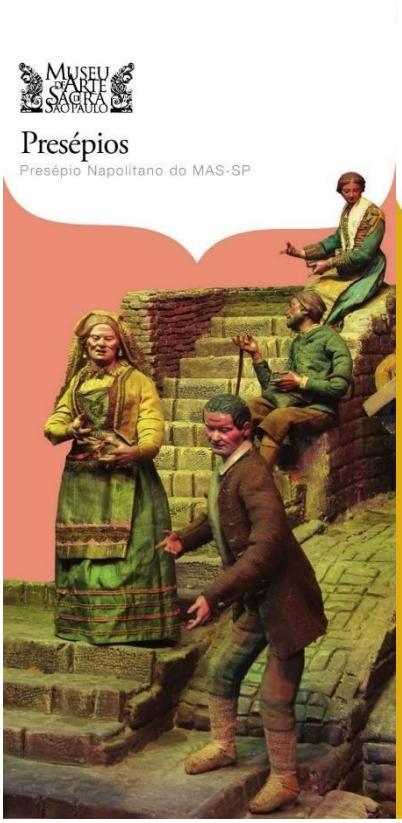
Anexo: Fichas do Explore o Museu de Arte Sacra: Professores - Parte 1 de 2

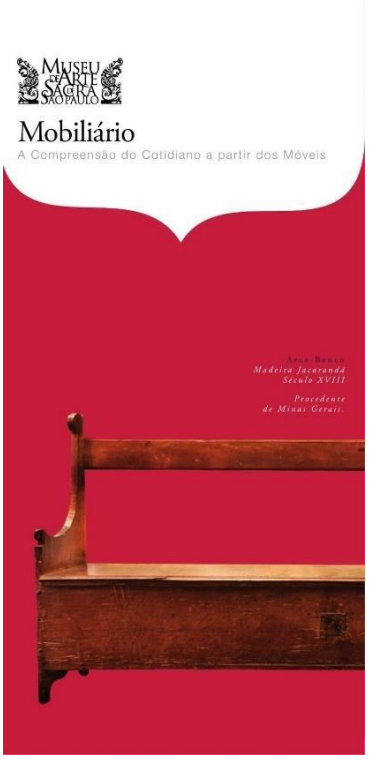






Anexo: Fichas do Explore o Museu de Arte Sacra: Professores - Parte 2 de 2





Anexo: Questionário para os estudantes

MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO PAULO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA - SAMAS

Olá estudante!
Queremos ouvir a sua opinião para melhorar o nosso trabalho.

Nome da Escola: _____

Ano Escolar/Série:

( ) 6º ano (5ª série) ( ) 7º ano (6ª série) ( ) 8º ano (7ª série) ( ) 9º ano (8ª série)

1

A visita foi interessante?

( ) SIM ( ) MAIS OU MENOS ( ) NÃO

Por quê? _____

2

Marque com um (X) o que mais chamou sua atenção no educador do museu que fez a visita com seu grupo:
(marque no máximo 2 alternativas)

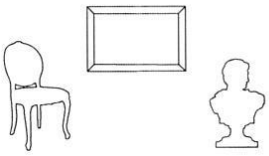
( ) Deu informações, tornando a visita interessante.
( ) Deu bastante informações, o que gerou cansaço no grupo.
( ) Não deu oportunidade para o grupo participar da visita.
( ) Outro. O que? _____
( ) Estimulou a participação do grupo.

3

Assinale SIM ou NÃO nos itens abaixo que chamaram sua atenção durante a visita ao Museu:

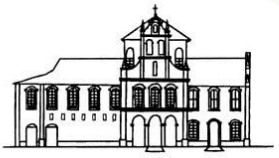
O assunto do museu
(Arte, Ciências, História, Literatura, etc.)

( ) SIM ( ) NÃO



As obras observadas durante a visita

( ) SIM ( ) NÃO



O espaço/prédio do Museu

( ) SIM ( ) NÃO

4

O que você aprendeu ou descobriu nesta visita?

5

De que maneira poderíamos melhorar sua visita ao Museu? Dê sua sugestão.

Anexo: Questionário para professores

MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO PAULO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA - SAMAS

PESQUISA PROFESSORES

GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

1 Com que antecedência você, professor(a), programou a visita?

◯ 2 meses ou mais ◯ 1 Mês ◯ 2 semanas ◯ 1 semana ◯ Não Programei ◯ Outro: _____

2 Por quais meios informou-se sobre o museu visitado?

◯ Site/Blog do museu ◯ Redes Sociais ◯ Folder ◯ Internet ◯ Escola ◯ Não me informei
◯ Outros. Quais? _____

3 Quais foram as principais dificuldades enfrentadas para realizar a visita?

◯ Transporte ◯ Tempo de Locomoção ◯ Infraestrutura do Museu ◯ Infraestrutura da escola
◯ Nenhuma ◯ Outras. Quais? _____

Comentários: _____

4 Como você avalia a atuação do(a) educador(a) do museu em relação à:

	Ótimo	Bom	Regular	Ruim
Linguagem adequada a faixa etária:	◯	◯	◯	◯
Abordagem do conteúdo:	◯	◯	◯	◯
Abertura ao diálogo e participação:	◯	◯	◯	◯

5 Como você avalia o interesse dos alunos em relação à:

	Ótimo	Bom	Regular	Ruim
Participação na visita:	◯	◯	◯	◯
Exposição visitada	◯	◯	◯	◯
Temática do museu (ex: arte, história, ciências, etc):	◯	◯	◯	◯

6 Você acredita que esta visita contribuirá com o trabalho desenvolvido em sala de aula?

◯ Sim ◯ Não. Por quê? _____

7 Em caso afirmativo, assinale **até 3** contribuições da visita ao museu para seus alunos:

◯ Contato com objetos museológicos ◯ Aprender sobre o tema específico do museu ◯ Passear
◯ Propiciar a sociabilização ◯ Complementar conteúdos curriculares ◯ Conhecer o museu
◯ Outros: _____

8 Você, professor(a), pretende realizar alguma atividade com seus alunos a partir da visita ao museu?

◯ Sim. Qual? _____
◯ Não. Por qual razão? _____

9 De que maneira poderíamos melhorar nosso trabalho? Dê sua sugestão:

Nome da Escola: _____
Município: _____ Estado: _____
Região da cidade de São Paulo em que se localiza a escola:
◯ Norte ◯ Sul ◯ Leste ◯ Oeste ◯ Centro ◯ A escola não é da cidade de São Paulo
Cargo ocupado na escola: _____ Caso seja professor, qual disciplina leciona: _____
E-mail do professor (opcional): _____

Data: ____/____/____ Horário: _____ Educador do Museu: _____
Ciclo:

MUSEU DE ARTE SACRA SÃO PAULO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA - SAMAS
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa

AUTORIZAÇÃO E TERMO DE COMPROMISSO PARA REPRODUÇÃO DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS E VÍDEOS

Número de da autorização: 01/janeiro 2019

Imagens/ Vídeos
Descrição dos arquivos reproduzidos (nome da ação/projeto educativo, nome do programa educativo em que se enquadra, formato e tipo de mídia do documento (impresso/ digital/ fotografia/vídeo), notação digital do documento)

Finalidade de Uso e/ou reprodução: As imagens deverão ser utilizadas, exclusivamente, em trabalho de conclusão de curso e artigos acadêmicos derivados, intitulado ***Educação patrimonial: práticas integradas entre museus de arte sacra e escolas públicas da Região Metropolitana de São Paulo***, sob a orientação do Prof. Dr. Emerson Dionísio de Oliveira, desenvolvido no curso de Pós-Graduação Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico da Universidade de Brasília.

Tipo de reprodução: Finalidade acadêmica
Custo de cessão de Direitos: isento (no caso de atividade sem fim lucrativo)
Veiculação tipo: acadêmica (circulação)

Dados do requerente
Nome: Gustavo Lion Alves de Oliveira
CPF: 427.487.028-67 **RG:** 43.846.018-2
Endereço: Avenida Onze de Junho, 1426A - CASA 1, Vila Clementino.
CEP: 04041-004 **Cidade:** São Paulo
Estado: SP

MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO PAULO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA - SAMAS
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa

Telefones: (11) 96330-5625 | (11) 5514-6198

Recebi neste ato autorização para reproduzir as imagens a que refere o presente termo de autorização, assumindo total responsabilidade por sua utilização. Reconheço que as referidas imagens possuem valor inestimável e obrigo-me a não fazer uso delas para qualquer outro fim exceto o descrito no campo acima discriminado como "finalidade de uso e/ou reprodução". Obrigo-me ainda a veicular as imagens sem interferências que possam descaracterizar o sentido original das imagens cedidas, reconhecendo, desde já, estar sujeita a ser responsabilizada por perda, danos e demais despesas, sem prejuízo de outras cominações legais que a mim possam ser impostas, em decorrência da utilização do referido material em desacordo com as condições estabelecidas. Comprometo-me ainda, por meio deste instrumento, a não comercializar ou auferir qualquer forma de benefício financeiro das imagens reproduzidas, salvo o uso especificado acima, e citar nominalmente a fonte de onde provem as imagens, mencionando fielmente os seguintes créditos obrigatórios: **Ação Educativa Museu de Arte Sacra de São Paulo**.

O Cessionário compromete-se a doar ao Museu de Arte Sacra de São Paulo um exemplar do trabalho final onde forem utilizadas as imagens do acervo do Museu de Arte Sacra de São Paulo, em caso de uso editorial ou audiovisual.

São Paulo, 17 de janeiro de 2019.

Responsável pela cessão:

_____

Vanessa Costa Ribeiro

Av. Tiradentes, 676 - Luz - São Paulo - SP - Brasil -011022-000
T: 55 11 3326-5393

Coordenadora Ação Educativa MAS-SP

Nome legível do cessionário e assinatura autorizada:

GUSTAVO LION ALVES DE OLIVEIRA

RG: 43.846.018-2 CPF: 427.487.028-67

Anexo: Ficha de Avaliação Encontro Pedagógico de Formação – Projeto Descobrindo Embu no Museu

Pateo do Collegio
Museu de Arte Sacra dos Jesuítas

Avaliação – Encontro Pedagógico de Formação – Projeto Descobrindo Embu no Museu

JESUÍTAS BRASIL

Nome:_____ **Data**: / /

1- Em que o curso contribuiu para a sua formação?

_____

_____

_____

2- Como você avalia o desempenho dos educadores do MASJ?
( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Péssimo

_____

_____

3- Como você avalia o material disponibilizado pelo MASJ (livro Descobrindo Embu no Museu: guia temático do professor)? Em que este material pode auxiliar no seu trabalho em classe? Justifique.
( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Péssimo

_____

_____

_____

4- Você pretende retornar com os seus alunos ao MASJ?

_____

5- Dentro do eixo arte, história e educação, você teria interesse em outros cursos e palestras? Quais temas?

_____

_____

_____

6- Sugestões e críticas:

_____

_____

_____

_____

_____

Pateo do Collegio
Museu de Arte Sacra dos Jesuítas

JESUÍTAS BRASIL

AVALIAÇÃO FINAL DO PROJETO DESCOBRINDO EMBU NO MUSEU

Nome:_____ Data:____/____/_____

1- Em que o projeto contribuiu para a sua formação?

_____

_____

_____

2- Em que o projeto contribuiu para a formação de seus alunos?

_____

_____

_____

3- Como você avalia o desempenho da equipe do MASJ na condução do projeto como um todo?
Formação dos professores: ( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Péssimo
Orientação aos professores antes da visita: ( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Péssimo
Agendamento das visitas: ( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Péssimo
Atendimento dos alunos no Museu: ( ) Ótimo ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim ( ) Péssimo

_____

_____

4- Você teve algum tipo de dificuldade durante a realização do projeto? Qual? Especifique.

_____

_____

_____

5- Você pretende retornar com os seus alunos ao Museu nos próximos anos fazendo uso dos recursos metodológicos, didáticos e de conteúdo adquiridos durante as formações? Justifique.

_____

_____

_____

_____

6- Você fez uso do Guia Temático do Professor em sala de aula? Como?

_____

_____

_____

_____

7- Como você avalia o Guia Temático do Professor quanto:

Qualidade Gráfica: ( ) Ótima ( ) Boa ( ) Ruim ( ) Péssima

Relevância dos temas abordados: ( ) Muito relevantes ( ) Relevantes ( ) Pouco relevantes

Largo dos Jesuítas, 67 – Centro – Embu das Artes – São Paulo - SP
Telefone: 4704-2654 – masj@pateocollegio.com.br

Pateo do Collegio
Museu de Arte Sacra dos Jesuítas

JESUÍTAS BRASIL

Linguagem utilizada pelos autores: ( ) Facilmente compreensível ( ) Compreensível ( ) Dificilmente compreensível ( ) Incompreensível

A importância deste material: ( ) Muito importante ( ) Importante ( ) Pouco Importante ( ) Irrelevante

8- Que outros subsídios poderiam ser oferecidos aos professores? Quais temas poderiam ser abordados?

_____

_____

_____

9- Faça uma auto-avaliação de seu desempenho durante o projeto:

_____

_____

_____

_____

10- Escreva aqui suas considerações finais, sugestões e críticas.

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Largo dos Jesuítas, 67 – Centro – Embu das Artes – São Paulo - SP
Telefone: 4704-2654 – masj@pateocollegio.com.br

PROJETO DESCOBRINDO EMBU NO MUSEU

PLANEJAMENTO DE VISITA AO MUSEU DE ARTE SACRA DOS JESUÍTAS

1. **ESCOLA DE ORIGEM:**

Informar o nome da escola de origem dos alunos.

2. **SÉRIE, FAIXA ETÁRIA, QUANTIDADE DE TURMAS E DE ALUNOS:**

Informar quantas turmas o professor pretende trazer ao museu, quantos alunos cada turma possui e a série/faixa etária de cada uma.

3. **PERÍODO: ( ) MANHÃ | ( ) TARDE**

Informar o período em que a visita será realizada: manhã ou tarde.

4. **PROFESSORES ENVOLVIDOS NA ORGANIZAÇÃO DA VISITA:**

Informar o nome completo dos professores que estão desenvolvendo o projeto e a disciplina de cada um.

5. **ATIVIDADES DE PREPARAÇÃO DA VISITA:**

Descrever de forma sucinta como será feita a preparação dos alunos pelo professor em sala de aula. Explicar quais são os objetivos do professor com o projeto Descobrindo Embu no Museu. Quais temas, conteúdos e estratégias serão abordados em sala de aula antes da visita ao museu.

6. **OBJETIVOS DA VISITA:**

Divulgar a história do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas e da formação da cidade de Embu das Artes; Propiciar uma visita formativa ao espaço do **MASJ**; Estimular o hábito da visita a museus e instituições culturais; Contribuir para o resgate da história do Museu, e da região sudoeste de SP; Apresentar a noção de patrimônio; Desenvolver princípios de educação patrimonial junto aos educandos; Desenvolver a noção de consciência histórica; Fomentar o senso crítico dos alunos; Contribuir para o exercício pleno da cidadania.

Esses são os objetivos de nossa instituição com as visitas, para além destes o professor pode indicar aqui outros objetivos.

7. **ATIVIDADES DURANTE A VISITA:**

A visita será planejada pelos educadores do MASJ, no entanto, os professores podem propor atividades que eventualmente poderão ser realizadas pela equipe do museu, ou com o auxílio desta, desde que seja viável.

8. **ATIVIDADES DEPOIS DA VISITA:**

Após a visita dos alunos ao museu, como o assunto será retomado e finalizado em sala de aula.

1. **ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:**

O que o aluno sabia antes da visita? O que o aluno deveria saber após a visita? O que ele sabe? O que ele não sabe?

2. **DOCUMENTAÇÃO:**

Quais formas de registro o professor utilizará para documentar todo o processo de desenvolvimento do projeto e de aprendizado dos alunos. Lembrando que este material será utilizado para montar o portfólio.

JESUÍTAS BRASIL

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Dados do requerente:

Eu, Gustavo Lion Alves de Oliveira, portador do documento de identidade nº. 43.846.018-2, inscrito no CPF nº. 427.487.028-67, na qualidade de pessoa física, residente e domiciliado à Avenida Onze de Junho, 1426, Vila Clementino - São Paulo/SP, CEP: 04041-004 | Telefone (11) 5514-6198 / 96330-5625, email gustavolionoliveira@gmail.com.

Finalidade:

O material consultado será utilizado, exclusivamente, na pesquisa intitulada *Educação patrimonial: Práticas integradas entre Museus de Arte Sacra e Escolas Públicas da Região Metropolitana de São Paulo*, desenvolvida no curso de pós-graduação semi-presencial Educação e Patrimônio Cultural e Artístico da Universidade de Brasília realizado no âmbito da Universidade Aberta do Brasil (Polo Barretos – SP), sob a coordenação da Prof.ª Dr.ª Therese Hoffmann.

Declaro estar ciente:

1. De que em toda e qualquer utilização da documentação acessada, consultada e/ou reproduzida, deverá ser feita a menção de sua pertença ao **Museu de Arte Sacra dos Jesuítas**, proprietária e detentora da guarda do documento original e, nos casos de obras intelectuais, de seu autor e/ou titular.
2. De que o requerente, conforme o caso expresso neste termo, responsável pela utilização dos documentos terá inteira e exclusiva responsabilidade, a qualquer tempo, pelos usos a serem dados à

JESUÍTAS BRASIL

documentação consultada e utilizada, e pelos danos morais e materiais decorrentes de tais usos, eximindo o Museu de Arte Sacra dos Jesuítas e seus colaboradores de quaisquer responsabilidades jurídicas decorrentes.

3. Fica expressamente vedada a reprodução de documentos, imagens e obras de teor intelectual do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas com finalidade comercial, editorial ou cessão a terceiros.
4. De que a obtenção da autorização referente a direitos autorais ou de imagem, quando necessárias, é de responsabilidade do requerente.
5. De que deverá zelar pelos documentos e conteúdos dos quais tiver acesso, estando sujeito à responsabilidade penal, civil e administrativa, de acordo com a legislação vigente, caso desfigure, descontextualize ou destrua os documentos ou seu sentido original.
6. Em caso de utilização de imagens deverá constar os créditos de direitos autorais devidos à Instituição, de acordo com as seguintes especificações: nome do fotógrafo ou desconhecido quando não houver atribuição; título da obra ou ação educativa; ano de produção da imagem; **Acervo Fotográfico do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas**.

O requerente compromete-se a doar ao Museu de Arte Sacra dos Jesuítas um exemplar do trabalho final.

JESUÍTAS BRASIL

São Paulo, 21 de dezembro de 2017

Responsável pela autorização:

Angélica Brito Silva

Coordenadora do Museu de Arte Sacra dos Jesuítas

Requerente:

Gustavo Lion Alves de Oliveira

RG: 43.846.018-2

CPF: 427.487.028-67